

Centro de Estudos Baianos

JOÃO EURICO MATTA

ÂNGULOS

(a vigência de uma revista universitária)

ÍNDICE GERAL DE COLABORADORES DE ÂNGULOS

ÂNGELA MARIA PINHO SOUZA BRAGA

MARIA DA CONCEIÇÃO PENALVA DA SILVA

(BIBLIOTECÁRIAS DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS)

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

131

JOÃO EURICO MATTA

ÂNGULOS



(a vigência de uma revista universitária)

ÍNDICE GERAL DE COLABORADORES DE ÂNGULOS

ÂNGELA MARIA PINHO SOUZA BRAGA

MARIA DA CONCEIÇÃO PENALVA DA SILVA

(BIBLIOTECÁRIAS DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS)

Universidade Federal da Bahia

Centro de Estudos Baianos

1988

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Professor GERMANO TABACOF

Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO

Vice-Reitora da UFBA.

Professor FERNANDO DA ROCHA PERES

Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Matta, João Eurico,

Ângulos : a vigência de uma revista universitária / João Eurico Matta. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

79 p. ; 22 cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos Publicação ; 131).

Inclui um Índice Geral de Colaboradores da R. Ângulos, preparado pelas Bibliotecárias Ângela Maria Pinho Souza Braga e Maria da Conceição Penalva da Silva.

1. Ângulos — Periodicos. II. Título. III. Série.

CDU - 05

(Preparada pelo Centro de Estudos Bahianos da UFBA)

ÂNGULOS — ANOS 50, 60 E 80:

CONEXÃO DE GERAÇÕES NUMA REVISTA DE ESTUDANTES DE DIREITO DA BAHIA

Apresentação (memória-resumo)
de JOÃO EURICO MATTA

SUMÁRIO

Nota Explicativa	5
Introdução	7
A Faculdade de Direito da Bahia e a trilha histórica do Centro Acadêmico Ruy Barbosa (CARB)	11
Diretrizes e estrutura de <i>Ângulos</i> . Seus editoriais	18
Cronologia das Fases da revista e Geometria Urbana Sentimental de <i>Ângulos</i>	23
Características das Cinco Fases:	26
FASE I: Construção Humanística e laços com a Geração de <i>Caderno da Bahia</i> . Números semestrais de 1 (set.1950) a 6 (abr. 1953)	26
FASE II: Tecnicismo das Semanas anuais de Estudos Jurídicos. Números anuais de 7 (set.1953) a 11 (jan.1957)	30
FASE III: Renovação Humanística e laços com a Geração de <i>Mapa</i> . Números 12 (dez.1957) a 15 (mar.1960)	30
FASE IV: "Nacionalismo" e "Revolução" nos números 16 (dez.1960) e 17 (nov.-dez.1961). A primeira "interrupção" (latência) e laços com semeadores do Tropicalismo no número bianual 18 (1965-1966)	35
FASE V: Depois da latência de 15 anos, o "Relançamento" nos 90 anos da Faculdade. 199 e 200 números: 1981 e 1982	44
A nova latência e fim desta memória	48
Notas	54
Índice Geral dos Colaboradores de <i>Ângulos</i>	61

ÂNGULOS - ANOS 20, 60 e 80
 CONEXÃO DE GERADORES NUMA REVISTA
 DE ESTUDANTES DE DIREITO DA BAHIA
 Apresentação (membros-resumo)
 de JOÃO EURICO MATTÀ

SUMÁRIO

2	Nota Explicativa
7	Introdução
11	A Faculdade de Direito da Bahia e a linha disciplinadora do Centro Acadêmico Rui Barbosa (CARB)
18	Diretrizes e estrutura de Ângulos, seus editores
23	Cronologia das fases da revista e geometria urbana no sentimento de Ângulos
28	Características das cinco fases:
28	FASE I: Construção Humanística e Jatos com a Geração de Caspary da Bahia. Números semestrais de I (set. 1950) e II (abr. 1951)
30	FASE II: Técnico das Semanas Anuais de Estudos Jurídicos. Números anuais de I (set. 1951) e II (jan. 1952)
30	FASE III: Renovação Humanística e Jatos com a Geração de Moraes. Números 12 (dez. 1952) e 13 (mar. 1953)
32	FASE IV: "Nacionalismo" e "Revolução" nos números 14 (dez. 1953) e 15 (nov. 1954). A primeira "interrupção" (latência) e Jatos com semestrais de Tropicalismo no número 18 (1955-1956)
44	FASE V: Depois da latência de 15 anos, o "reajustamento" nos 30 anos da Faculdade. 190 e 200 números: 1981 e 1982
48	A nova latência e fim desta memória
54	Notas
61	Índice Geral dos Colaboradores de Ângulos

NOTA EXPLICATIVA

Uma revista e sua existência; este o propósito de João Eurico Matta ao descrever a importância cultural e universitária de *Ângulos* no decurso dos seus 20 (vinte) números.

A nosso pedido, o seu ex-membro da redação e colaborador, João Eurico Matta, fez um ensaio histórico-crítico da vigência de *Ângulos*, seu significado e suas conexões, no panorama cultural da Bahia. Esse estudo é da maior importância para que tomemos conhecimento da existência de uma revista de estudantes de Direito, na Bahia, que exerceu um importante papel de difusora da cultura, das idéias políticas e jurídicas. A revista, em verdade, transcendeu sua pretensão e suas fronteiras.

Ângulos já não existe mais; os seus 20 (vinte) números demonstraram a seriedade dos seus fundadores e continuadores.

A sua extinção decorreu, em verdade, a partir de 1964 — como tanta coisa neste país — mas ao observarmos o seu **Índice de Colaboradores** — de Lafayette Pondé e Orlando Gomes a Carlos Nelson Coutinho e Glauber Rocha — podemos avaliar o quanto significou a sua presença na vida cultural da Bahia.

Uma leitura deste texto de João Eurico Matta e do **Índice Geral de Colaboradores de *Ângulos***, realizado pelas bibliotecárias Ângela Maria Pinho Souza Braga e Mariada Conceição Penalva da Silva, dará ao leitor a exata medida de **vigência** da revista, na perspectiva ao seu passado e da sua história.

FERNANDO DA ROCHA PERES
 Diretor do
 Centro de Estudos Baianos da UFBA

1 INTRODUÇÃO

Em muito boa hora de 1985 Fernando da Rocha Peres incluiu, no seu dinâmico programa de realizações como Diretor do Centro de Estudos Baianos, o projeto de publicar um Índice de todos os textos e respectivos autores que a Revista Ângulos divulgou, em seus vinte números editados de 1950 a 1982. Mas o escritor baiano decidiu também, e por igual corretamente, que aquele rol de autores e seus escritos de veria preceder-se de um estudo sobre o significado da contribuição cultural de Ângulos, — inclusive a participação dos artistas plásticos que a ilustraram, — em sua travessia histórica de meio-do-século em direção aos anos 80. Merece todo louvor essa proposta de resgate de tão grande ação coletiva, de jovens estudantes no verdor de seus vinte anos e alguns de seus maduros professores de matriz univer^sitária, além da contribuição de outros brasileiros e de estrangeiros.

Aquele estudo foi feito e estimulado a percorrer décadas dos antecedentes históricos e da formação de uma cultura institucional que favoreceu o nascimento da revista. Pela experiência própria, pelo fato de ter tido pai e irmão primogênito formados naquele ambiente cultural, como pelas entrevistas inestruturadas ou estruturadas e pelos documentos esquadrihados, o pesquisador aprendeu uma lição fecunda, mas bem simples. É a verdade de como o abrigo das boas instituições — resistentes às intempéries e turbulências da história — encoraja a criatividade das pessoas, e mais ainda os jovens. Pelo objetivo desta publicação, — que é documentar um Índice de autores e textos publicados por uma revista universitária, Ângulos, nos vinte números que ela espargiu nas décadas de 50, 60 e 80, — aqui se propõe apenas uma condensação daquela aprendizagem, um resumo dos resultados daquele estudo, que terá publicação completa em outra oportunidade.

Os rapazes e moças que fundaram a revista Ângulos em 1950 eram ginasianos e colegiais nos 40, como Fernando Peres o seria nos 50. Estavam, como diria o poeta Mário Quintana celebrando seus 80 diante de uma câmara de televisão, na flor de seus 20 anos. O periódico que produziram, entretanto, se tornou um rio de muitos afluentes, confluentes, tributários geracionais, senão um pequeno, mas translúcido estuário onde desaguaram, nos anos 50, 60 e 80, os talentos de artes, letras e ciências de algumas gerações de criadores baianos e brasileiros de bens culturais.

Foi o terceiranista de Direito Adalmir da Cunha Miranda quem teve a idêia e vontade da criação e lançamento de Ângulos, deu-lhe este geométrico nome e desenhou suas diretrizes de animação cultural. Isso aconteceu em boa parte

por seu talento pessoal; e em boa parte pelo exemplo anterior de criação, pertinácia e sucesso de um grupo de jovens intelectuais de que Adalmir, como jornalista, fazia parte: a turma do *Caderno da Bahia*, que tinha aceito a idéia de seu colega jornalista Cláudio Tuiuti Tavares de acionar a publicação daquele *Caderno* de cultura. Cláudio era pernambucano, como seu irmão Odorico Tavares. Nos *Diários Associados* de Salvador acolheram o trabalho do parabano de João Pessoa, Adalmir da Cunha Miranda, cuja família se radicara em Salvador, onde o menino ginasiano inventara e publicara, no Colégio estadual da Bahia dos anos da Segunda Guerra Mundial, seis números de uma *Folha Estudantil*. Mas é em boa parte verdade, também, que Adalmir tinha querido, sabido e podido tão bem obter o apoio de seus colegas de Faculdade e da direção desta, para a publicação de *Ângulos*, porque sentiu que o final dos anos 40, na Bahia, fizera amadurecer, como se ali houvesse bom adubo e boa estufa, um ambiente e clima propícios à fecundação editorial daquela revista.

Sua Faculdade de Direito, nascida em 1891, completara cinquenta anos, embora durante um período republicano de regime ditatorial, que obviamente censurava a criação de cultura. Mas a redemocratização de 1946 trouxera o invento de uma Universidade na Bahia, sendo seu primeiro reitor, Edgard Santos, um docente formado numa escola médica criada em 1808, glorioso centro de ensino profissional, mas também de Humanidades. A escola de Direito, nascida sozinha "livre", depois fundação, filiou-se àquela autarquia universitária como "subvencionada" pelo governo federal, mais tarde, por fim, federalizada. Esse contexto histórico, com seus filões no passado de educação jesuítica e influência colonial ibérica, com os outros aportes europeus, indígenas e africanos, confluíram para um período, a partir de 1945, que Adroaldo Ribeiro Costa chamou de **anos fulgurantes**, em matéria de **animação cultural**¹. No âmbito da Faculdade de Direito onde pôde nascer como um reflexo, *Ângulos* se tornou uma expressão admirável da **Inteligência** jovem inovadora. Foi como se se transfigurasse em realidade editorial de boa qualificação, — uma revista de estudantes e professores capaz de durar, como estava durante a *Revista da Faculdade de Direito da Bahia* renascida em 1932², — aquele rito de sucessiva **entrega de uma chave simbólica**, que a tradição anual da Faculdade de 1891 adotara para religar os Bacharelados de cada ano com os seus colegas e sucessores **quartanistas**.

É rastreando esse sulco histórico, é digitando as teclas dessa trilha memorial que se pode ver, como num vídeo computadorizado, a força daquele **rito de passagem**. Basta um exercício de retrospectão — com operações filmi-

cas de *flash back*, *close*, *travelling*, *zooming* ou que outro recurso — para descobrir, na cultura estudantil, e na do estudante de Direito em particular, a fonte inesgotável de um espírito inter-tribal ou inter-geracional de apego às tribunas livres de expressão, e livres de extremismos, e de paixões políticas e ideológicas.

Há fortes indícios de que não foi por mero acaso, mas sim por uma encantadora *"razón vital"* — como diria Don José Ortega y Gasset — que a revista *Ângulos*, depois de brotar em 1950, se calou, silenciou ou se recolheu à sua auto-apelidada **latência**, exatamente nos períodos em que se instalaram, no País e na Bahia, paixões de extremismos sociais e políticos. Terá sido a crise do **populismo**, de 1961 a 1964, que a fez calar até o fugaz esperneio do **número 18**, datado de 1965-66. Aí, então, terá sido a expansão do **autoritarismo** e do **centralismo** do Poder Executivo, de após 67, que gerou os **quinze anos de silêncio** que precedem o ressurgimento, algo forçado, mas heróico, do **número 19**, de 1981.

As organizações, quaisquer que sejam, são lugares de aprendizagem social. Porém as escolas, — as superiores, em particular, — têm um traço característico acenado nas entidades prestadoras de serviços educacionais. Seus corpos docente e administrativo desenvolvem relações efetivamente muito próximas com seus usuários, mas estes passam rápido. As gerações dessa clientela se sucedem rapidamente, com o agravante, no Brasil, de não alimentarmos tradições ou costumes de agrupar ex-alunos. Tais associações são de curta vida ou pouco fôlego, quando raramente aparecem, entre nós.

Não parece fácil, todavia, que no final dos anos 80 ou nos 90 possa a revista *Ângulos* renascer com as características de seus vinte números, nos dois últimos dos quais já se sente a perda da energia genética original. A orientação profissionalizante da reforma universitária que começou em 1968 estimulou a especialização acadêmica e a multiplicação de centros de formação universitária, esvaziando os cursos de medicina e de direito, originários do século XIX, de seu forte conteúdo humanístico. Essa atomização e pulverização do saber e das sensibilidades geraram o problema mundial, reconhecido em março de 1986 num Encontro promovido pela UNESCO em Veneza, sobre "A Ciência diante dos limites do conhecimento: o prólogo do nosso passado cultural", como a necessidade urgente de uma "troca dinâmica entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição". Na história de *Ângulos* houve até dois números em que suas páginas se ocuparam com problemas de filosofia da Física que preocuparam o sociólogo das organizações Guerreiro Ramos, em seus últimos dias em Los Angeles, Califórnia, 1982, e que tornaram *best sellers* mundiais, na mês

ma ocasião, os livros do físico norte-americano Fritjof Capra sobre *O Tao da Física* e *O Ponto de Mutação*. Ver-se-á, mais tarde, o trânsito de Ramos por *Ângulos*.

A outros autores poderia ter confiado o Diretor do Centro de Estudos Baianos a investigação em torno da revista, seus antecedentes e conseqüentes. O principal fundador, Adalmir da Cunha Miranda, desde 1956 se radicou em São Paulo. Antônio Luiz Machado Neto, de tão saudosa memória, faleceu prematuramente aos 47 anos, em 1977. E entre tantos outros admiráveis intelectuais que fazem parte da história de *Ângulos*, a escolha recaiu, para honra e satisfação de quem produziu este estudo, num daqueles autores — presente em vários números — e diretor do periódico no meio de sua travessia, o momento do nº 12. Mas é alguém que se encantou por *Ângulos* desde os seus 15 anos, quando estudante da 4ª série ginasial do hoje Colégio Severino Vieira. Vi o nº 1, pela primeira vez, quando me preocupava, em dezembro de 1950, com meu discurso de orador dos concluintes diurnos do ginásio. Impressionou-me o texto de Machado Neto sobre "A Ilustração": ele tinha vinte anos.

Conviva da culinária baiana de Dona Dolores e das intermináveis conversas de biblioteca na casa de Machado Neto e Zahidê, por sobre o armarinho da ruidosa Avenida Sete, o autor deste ensaio se fez amigo afetuoso do casal e se tornou, como estudante de Direito de 1954 a 1958, um dos protagonistas — e, então, observador participante — da ação coletiva de **animação cultural** que foi o movimento dos jovens produtores de *Ângulos*. Seu vínculo com a alma **parens**, a escola de Direito da década dos 50, se estendeu até mesmo fisicamente, num curioso episódio de **topofilia**, desde 1961 até 1974, quando o prédio da Praça Teixeira de Freitas sediou a Escola de Administração da Universidade. Nesta tenho sido professor e fui diretor na ocasião da mudança para o edifício vizinho, no vale do Canela, daquele que o Diretor de Direito Orlando Gomes inaugurou em 1961.

Por conseguinte, o método de pesquisa aqui adota do não pôde evitar a combinação do rastreamento de traços culturais e *trends* através de documentos com as reflexões e o estilo do memorialista. É situação bem diferente daquela em que o mesmo Machado Neto pesquisou sua "sociologia da vida intelectual" de sessenta brasileiros que viveram entre 1870 e 1930, todos corporalmente mortos (ainda que **vivos** como "entrevistados" através de seus legados de escritores e de sua fortuna crítica) na ocasião em que foram escritos e publicados, em 1968 e 1973, os encantadores livros *Da Vigência Intelectual* e *Estrutura Social da República das Letras*³.

Há, portanto, nestas páginas, uma inarredável intenção de depoimento do autor em boa parte da matéria sob estudo. Quando isto ocorrer, como há pouco, justifica-se uma

espontânea frase ou parágrafo redigidos na primeira pessoa do singular.

Mas também a outra intenção, — de fazer, na maior parte do presente texto, alguma forma de **sociologia das idéias**, — produzirá uma **reconstituição** histórica do tipo interpretativo ou "compreensivo" que há de ser, por natureza semiológica, **aberta**. Não se pretende, obviamente, última palavra, aqui. E sim uma abordagem ao modo de Umberto Eco, uma "*opera aperta*", que se propõe como homenagem a todos, — e são tantos!, felizmente, — os que possam contribuir com suas percepções mais acuradas do **papel** que a revista *Ângulos* desempenhou na vida intelectual e universitária baiana, desde 1950.

A próxima seção, no estudo completo, demonstra os caminhos por onde se pode chegar a um título cervantino, se não quixotesco: de como o talento juvenil reúne gerações e faz cultura, em cada de estudos de Direito, em Universidade e terra fértil.

2 A FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA E A TRILHA HISTÓRICA DO CENTRO ACADÊMICO RUY BARBOSA (CARB)

Entre a fundação de um curso livre de **Direito**, na Salvador de 1890, para preparar candidatos aos exames da tradicional Faculdade de Recife onde se formara em 1889, e seu esforço para constituir uma "Associação" civil (em assembléia geral a 15 de março de 1891) e uma Congregação indispensável ao seu desiderato, o jovem jurista José Machado de Oliveira conseguiu apoio para criar e instalar so lenemente, em 15 de abril de 1891, a primeira **Faculdade Livre de Direito** da nossa história republicana^{3a}. Seus três cursos (que depois se integrariam e teriam frequência obrigatória) eram de **Ciências Jurídicas**, **Ciências Sociais** e **Notariado**. E começaram com os treze "Bacharês" ditos "primogênitos", que se graduaram em 1892.

Um estudante do período de 1909 a 1913, o talentoso e culto Pedro Kilkerry, se tornou figura de proa no grupo de poetas e escritores da revista *Nova Cruzada*, se guida de *Anaes*, — um movimento cultural⁴ que envolvia Arthur de Salles, Carlos Chiacchio, Karlos Weber e companheiros, perdurando de 1901 a 1914 e refletindo sua energia nos movimentos seguintes, que Kilkerry não testemunharia porque se mudou para o Interior e morreu em 1917. O grupo intelectual da chamada **Távola** vai de 1917 a 1927 e será sucedido, de algum modo, pelo movimento da revista *Arco e Flecha*⁵. O Jornal *A Tarde*, fundado em 1912 pelo Bacharel de 1907 Ernesto Simões Filho, acolhe o trabalho de animação cultural de Carlos Chiacchio de 1928 a 1946, ano de sua morte. Durante todas essas décadas o médico jornalista

Chiacchio, crítico de literatura e arte, também poeta, ofereceu apoio e estímulo a dezenas de Bacharéis da Faculdade de Direito, entre outros criadores de cultura para os quais ele criou, em 1936, a **Ala das Letras e das Artes**.

Três profissões dominantes — medicina, engenharia, direito — e cinco centros de formação principais havia na Bahia, entre 1810 e 1910: os Cursos Médicos, de 1808; o de Direito, 1891; o da Escola Politécnica, 1894; os de Belas Artes, 1877; e os da Escola Comercial, 1904. Em todos eles sempre houve passageiras associações ou grêmios estudantis, mais litero-artísticos. Em 1926, ano em que era calouro da Faculdade o renomado civilista de hoje, Orlando Gomes, o jovem parlamentar estadual, Bacharel de 1925, Hermes Lima, apresentando projeto para "tornar mais eficaz o auxílio do Estado à Faculdade de Direito da Bahia", chamava-a de "tradicional estabelecimento" ou centro "de alta cultura" e "renome para a Bahia".

Não obstante, somente seis anos mais tarde, com vigor, **alunos 39 e 49 anos** "organizaram um centro de estudos com o título ASSOCIAÇÃO JURÍDICA, proposta à discussão pelos acadêmicos de teses de Direito" — segundo se lê na seção "Efemérides" de 1932 da *Revista* que ressurgiu, nº 7 (pág. 163). E o fizeram "comemorando" a fundação dos "cursos jurídicos" no Brasil, ocorrida em 11 de agosto de 1827. Logo dez dias depois, em 20 de agosto de 1932, aquela "Associação Jurídica" promove uma "sessão acadêmica" para comemorar a data de nascimento do grande jurista Teixeira de Freitas. O ano acadêmico de 1932 foi cheio de singularidades, em virtude de medidas de reforma educacional baixadas por decretos do governo provisório, em abril de 1931. Ocorrem duas formaturas: uma em 5 de março de 1932, com solene inauguração do busto de bronze de Ruy Barbosa, no salão nobre do prédio novo inaugurado em 1931; a outra, no mesmo salão, mas em 8 de dezembro, a data tradicional da cerimônia, dia consagrado a Nossa Senhora da Conceição. Excepcionalmente, há reinício dos cursos em 11 de julho. Também excepcionalmente houve duas cerimônias daquela já citada "belíssima tradição" — como registra a *Revista* de 1932 — "instaurada entre os acadêmicos: a **chave simbólica** da Faculdade...". Na de 4 de março falou o bacharelando Jônatas Milhomens, entregando a **chave** e ouvindo o discurso de resposta do **quartanista** Mário Gomes dos Santos Filho. Na outra cerimônia fala o **quintanista** Carlos Antunes Teixeira, dirigindo-se aos "Excelentíssimos Mestres" e a "Meus Caros Colegas", com alusões à "FESTA DA SAUDADE" que "imprime às nossas almas sensações estranhas e desconhecidas"... "chamadas de SAUDADE". Encerra a breve, emocionada alocução falando especificamente para os "caros colegas, bacharelandos de 1933"⁶:

Permiti que vos entregue esta simbólica chave, já tocada da ferrugem da tradição...

Responde, com igual brevidade e emoção, o "49 anista" Ary Dunninham Ribeiro Guimarães, que declara:

Faz-se mister... uma chave: a boa vontade...

A reforma educacional de 1931, emitida pelo governo no provisório de Getúlio Vargas que a Revolução de 30 instaurara, obriga a escola a aprovar o novo regimento, de 1º de fevereiro de 1933, "moldado sobre" o da Faculdade de Direito de São Paulo, — a do tradicional largo de São Francisco. Também pelo Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, a reforma Francisco Campos facultava a criação de um **Diretório Acadêmico nas faculdades**. Passam a coexistir, ou cohabitar — como se diz hoje, na França, — duas agremiações estudantis.

A transição cultural, na Bahia, dos anos 20 para os 30, foi objeto, em julho de 1981, de depoimentos de Jorge Amado e José Luís de Carvalho Filho, gravados para a Fundação Cultural baiana, mas publicados em julho de 87 corrente. Citando Eugênio Gomes, o cearense Herman Lima e o "Poeta de Ouro Preto" de Godofredo Filho como autores que se revelaram antes de qualquer revista, grupo ou movimento, Jorge Amado ressalta os "três grupos quase simultâneos" que refletem "a inquietação do Modernismo": o da revista *Arco & Flexa*, o da revista *Samba* (do excelente sonetista Braúlio de Abreu) e a *Academia dos Rebeldes*. Desta última, sabidamente, ele fez parte, entre 1927 e 1931, em torno do jornalista Pinheiro Viegas e com a participação de alguns Bacharéis poetas e escritores dos anos 30: Edison Carneiro, José Alves Ribeiro, Aydano do Couto Ferraz e o mais moço, Walter da Silveira. Entre muitas revelações de interesse, que já vem fazendo em várias ocasiões, Jorge lembra muitos dos fatos que ouvi, nos anos 50, nas conversações com meu saudoso amigo Elpidio Bastos (do grupo de *Samba*), entre eles os seguintes:

*... Nós, os rebeldes, tínhamos um ponto de vista: queríamos uma literatura nacional, mas com um conteúdo capaz de se universalizar. Tivemos a revista *Meridiano*, de que só saiu um número e onde está o nosso manifesto. Quer dizer, vemos o espírito do Modernismo — mas tínhamos uma certa desconfiança desse movimento, aquela coisa de paulista, de língua inventada. Os modernistas não conheciam a linguagem popular...*

... o livro que mais nos chamou a atenção foi *A Bagaceira*, do José Américo de Almeida, publicado em 1928. Esse livro foi a matriz do romance de 30, que deu um novo impulso à literatura brasileira...

... O movimento de renovação cultural na Bahia começou com a literatura e só muito tempo depois alcançou o cinema e as artes plásticas, já durante a Segunda Guerra, quando surgiram Genaro de Carvalho, Mário Cravo e Carlos Bastos. O cinema, na verdade, só começou a sua renovação em 1950, através do Walter da Silveira. A primeira exposição de arte moderna na Bahia foi feita em 1944, na Biblioteca Pública, quando o Manoel Martins veio para ilustrar meu livro *Bahia de Todos os Santos*...⁷

Essas declarações ajudam muito a entender boa parte da ação cultural desenvolvida, a partir de 1948, pelos seis números de *Caderno da Bahia* e, a partir de 1950, de todos os vinte números de *Ângulos*.

Quanto ao depoimento de José Luís de Carvalho Filho, poeta que foi promotor, Procurador Geral da Justiça, desembargador, Secretário de Justiça e professor de Direito, concentra-se na geração da revista *Arco & Flexa*, dizem do, por exemplo:

... O conteúdo heterogêneo era a tônica de suas páginas..., em cinco números com três fascículos...

... Entre nós o Modernismo não recorreu a processos censuráveis, compreensíveis como divisões de águas... mediante atitudes iconoclastas...

... Tanto nós como os rebeldes não formávamos grupos fechados, nem nos rivalizávamos...⁶

A partir do nº 7 (1932) até o nº 34 (1959-1961) e durante trinta anos, portanto, publicaram-se vinte e oito números da *Revista da Faculdade de Direito da Bahia*. Ao longo dessas três décadas se desenvolve a ação dos estudantes na cultura, entre duas mudanças físicas da escola: a inauguração do prédio construído em lugar da sede anterior do "Portão da Piedade" (festa de 1931) e a inauguração do edifício novo da conexão Graça-vale do Canela (festa de 1961). Todos esses anos a *Revista da Faculdade de Direito da Bahia* mostra em suas páginas que sempre há espaço para o que chama

de "colaborações acadêmicas", ou seja, publicação de artigos escritos por estudantes.

Recordando essa época, escreveu Nelson Sampaio, em 1961:

No meu ano de calouros, em 1932, a Faculdade contava apenas 202 alunos. Hoje... 484. ... Havia apenas 4 acadêmicas de Direito: em 1961 elas são 103...

Nos meus dias de aluno, os estudantes baianos realizaram a sua última grande façanha política: a solidariedade à Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932, que, na Bahia, foi apenas um movimento estudantil, com quartel general na ainda hegemônica Faculdade de Medicina. O Interventor Federal de então resolveu prender por algumas horas - tão somente isso - os jovens platonicamente amotinados... Tanto valeu para que o Interventor se arrependesse, por um quarto de século, do seu gesto...

Meu interregno acadêmico foi a época de expansão internacional do fascismo, que repercutiu também no Brasil, fazendo surgir o integralismo. A luta dominante, na Escola, era entre verdes e vermelhos. Os democratas formavam a maioria, mais ou menos passiva ou pouco atuante, espremida... O Estado Novo caiu com a derrocada de suas matrizes europeias, e os estudantes voltaram-se para outros temas que até hoje dominam os espíritos: o nacionalismo, a Campanha de "o petróleo é nosso", os slogans da guerra fria...⁸

... Além da política, os estudantes de ontem ocupavam-se muito com as musas... Quem não fosse poeta, devia ser orador ou dileta de filosofia. Ler livros de Direito era não só dar provas de mau gosto, mas de estreiteza de espírito....

De 28 de fevereiro a 2 de março de 43 se efetua um tríduo de conferências e homenagens pelo 20º aniversário da morte de Ruy Barbosa, promovido pela *União dos Estudantes da Bahia*. No salão nobre da faculdade, diante do busto de bronze, o eminente mestre de Medicina e Secretário de Educação e Saúde, Aristides Novis, instala os trabalhos, lembrando Ruy em latim: "Ecce sacerdos magnus". 1943 é também o ano em que começam as atividades docentes

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criada na Bahia pelo idealismo de Isaías Alves. De sua primeira turma faz parte Dalva de Matos, que se graduou em Direito em 1941⁹.

Publicam-se no vol. 19 (1944) da revista as "orações" proferidas na "Semana de Rui" realizada em novembro pelo Instituto da OAB. É o ano da célebre paranínia do Dr. João Mangabeira (Bacharel de 1897), quando se deteriorava a ditadura de Vargas. A formatura ocorreu em 8 de dezembro de 44¹⁰, mas em 25 de abril desse ano o *O Jornal*, do Rio de Janeiro, registrava em nota expressiva a "viva tradição de liberdade" que se mantinha acesa naquela que foi "nascida livre, Faculdade de Direito da Bahia."

Em 30 de julho de 1945 o poeta e diplomata chileno Pablo Neruda visita a Faculdade e é saudado, "em nome do Centro Acadêmico Ruy Barbosa", pelo estudante Valter Mendonça Sampaio, com expressões efusivas ("maior poeta vivo do continente americano"... "irmão de Alberti, Antônio Machado, Vallejo, Hughes, Serpa, Lorca, Whitman, Maiacovsky e do nosso gênio libertário, nosso imortal Castro Alves"). João da Costa Falcão, que acompanhava Neruda, conta pormenores dessa visita, inclusive a caminhada da comitiva, do Palace Hotel, na Rua Chile, até a Praça Teixeira de Freitas, num exercício de geografia sentimental nas ruas de Salvador¹¹. Nessa data era Presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção da Bahia, o poeta e professor Hêlio Simões. O primeiro Congresso Brasileiro de Escritores se realizará em São Paulo, em 1945. O terceiro, na Bahia, em 1950. São dois momentos de grande significação para o surgimento da revista *Ângulos*.

Os expedicionários que retornam da Guerra, quartanistas Ariston Andrade e Jacob Gorender, são homenageados no Salão Rui Barbosa, em 14 de julho e 12 de outubro de 1945, pelo "Diretório" e pelo CARB. E o relatório de 31.12.46, do Diretor Demétrio Tourinho se refere à solene instalação da Universidade no 2 de Julho. Diz-se da Constituição promulgada em 18 de setembro:

*... representa, para nós brasileiros, a tábua de salvação com que emergimos do mar tempestuoso da ditadura, (trazendo) a esperança de uma vida promissora para o Brasil.*¹²

Em 1949 o relatório do Dr. Demétrio é concisamente elogioso das três "sociedades acadêmicas" - Diretório, Centro Clóvis Bevilacqua e CARB, que promove conferências de Orlando Gomes e Aliomar Baleeiro. Mas se reveste da maior significação a reforma das três agremiações estudantis, nos termos objetivos que o vol. 24 (1949) da *Revista da Faculdade* documenta¹³:

Todos os centros culturais, estudantis, e existentes na Escola, fundiram-se num só - Centro Acadêmico Ruy Barbosa, que passou por uma reforma material total. (Grifo adicionado)

Na inauguração, pelo Diretor da escola, das novas instalações do CARB, Sylvio Faria "pronunciou o belo discurso" que a revista publica nas pags. 165-172 (vol. 24), onde se lê (166):

Um centro de estudos, como este, é um órgão de cultura, destinado a infundir no espírito dos seus associados o amor pela ciência e pelas artes...

Em 1949 o governo Mangabeira e o povo comemoram o quarto centenário de Salvador e o centenário do nascimento de Rui Barbosa. O paraninfo de Direito é Orlando Gomes; o orador da turma, Francisco Waldir Pires de Souza, na solenidade de 5 de novembro, no recém-inaugurado Fórum Ruy Barbosa, leu um primoroso discurso sobre "Ruy e os novos rumos do Direito", cuja peroração evoca o "Mestre", concluindo:

... É a palavra evangélica de Oração dos Moços que nos conduzirá ao futuro. É a vossa paixão pelo Direito, pela Liberdade, pela Democracia e pela Justiça, que vos perpetuará, no mais recôndito das nossas almas, ajudando-nos a não capitular, reagindo, a não transigir, combatendo.

*Guiai-nos, MESTRE, vós sois a nossa Luz.*¹⁴

Esse culto a Rui Barbosa foi questionado já em 1925, dois anos depois de morto o "mestre", e na Câmara de Deputados baiana. Um duro editorial ("Mais decoro e menos inépcia, senhores!") do *Diário de Notícias*, de 10.6.1925, ataca os agressores e elogia quem o defendeu com veemência, justamente um parlamentar seabrista, o jovem Bacharel de 1913 Edgard Matta, que evocara em favor de Rui a exclamação de gosto francês e inglês: "Le Roi est mort... Vive Le Roi!" (diz o jornal, "tem razão, na sua frase feliz: - Rei morto... Viva o Rei!"). Dez anos depois, em 1936, o "culto" será de novo questionado pelos jovens Afrânio Coutinho e Guerreiro Ramos, em artigo na *Revista da Bahia* da época (publicada pelo dirigente da Caixa Econômica na Bahia, Bacharel de 1932 Pinto de Aguiar - que defende Rui no mês mo nº 9, Ano II, set. 1936, p. 12 e segs.). Se-lo-á de no

vo vinte anos depois, anos 50, pelos intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), entre os quais o próprio Guerreiro Ramos. E estará sob reservas no ano 61, em artigos de Germano Machado e Edivaldo Boaventura no *Jornal da Bahia*, a propósito de declarações de Glauber Rocha. Por fim o jornalista e acadêmico de letras Raymundo Magalhães Júnior despertou iras com o livro *O mito de Rui* (1964), obtendo do então Ministro (e seu colega acadêmico) Luiz Via na Filho a seguinte resposta:

*Alvo da agressão do livro não é o mito de Rui, mas o mito da liberdade.*¹⁵

O próprio Antônio Luiz Machado Neto, em seu discurso de posse na Academia de Letras da Bahia, meados dos anos 70, identifica sua geração (do eixo *Caderno da Bahia e Ângulos*, podemos dizer), dizendo, cautelosamente:

... Integrei-me a uma geração de espírito tão doentamente crítico, que estamos agora a pique de tornar-nos mudos por tanto que fizemos a crítica e, mesmo, o sarcasmo do que pe jorativamente rotulávamos a oratória baiana patrioteira e bacharelesca, encarnada por Graciliano Ramos na figura quase abjeta do Julião Tavares de Angústia...

*Uma geração de refinados estetas...
Que odiava teus ruis barbosas e teus ótios mangabeiras... verso pouco feliz... de Gilberto Freyre...*¹⁶

Mas Rui Barbosa e os dois Mangabeiras, João e Octávio, continuam venerados por todos nós, sem exceção, salvo momento de *coqueterie*, que estudamos Direito na Bahia. *Ângulos* não fugira dessa diretriz.

As décadas que se foram, os estudantes que passaram e os que retornaram como professores, e estes em geral, naturalmente deixaram as marcas de atitudes e crenças, o selo de *cultura organizacional* que constitui, enfim, a escola de Direito situada no nicho ambiental e momento histórico da Bahia, Brasil e mundo dos anos 50.

3 DIRETRIZES, ESTRUTURA DE *ÂNGULOS*. SEUS EDITORIAIS

Não é preciso muito espaço para dar o tom do clima mundial nos anos 50: bastam insinuações semióticas, algumas metáforas. O Plano Marshall ajuda a reconstrução da Europa e do Japão do pós-guerra, Churchill deixa o poder na Inglaterra (1955), o sucesso da vacina Salk antecede o da

Sabin, há lavagem cerebral nos prisioneiros sob controle dos coreanos, Marilyn Monroe explode nas telas. A corrida astronáutica começa. Expande-se a televisão. O peronismo entrará em crise na Argentina.

No Brasil, o retorno de Getúlio (diz a melodia de Carnaval, "bota o retrato do velho outra vez no mesmo lugar") pelo voto popular, em 1950, empossado em 31 de janeiro de 51, termina com a comoção social do suicídio do estadista, em agosto de 1954. Seguem-se os "alegres anos" do governo Juscelino Kubitschek, contemporâneos das pesquisas sisudas dos intelectuais do chamado "grupo de Itatiaia", reunidos no cadinho de reflexão sobre a *categoria sociológica Brasil* que foi o ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros, de 1955 a 1964, quando o fechou o governo militar de Castello Branco, - um centro a serviço do nacionalismo.

Gravando em fita, em 1981, depoimento seu sobre "a Geração de Glauber", que transitou pela revista *Ângulos* entre os números 12 (1957) e 15 (1960), deixando marca para as edições seguintes, o Bacharel de 58, poeta, jornalista e professor Florisvaldo Mattos (ele próprio Redator-Chefe de *Ângulos* por dois números) confirma que depois do golpe de 37 no Brasil, e tendo "rebentado" a II Guerra em 39,

*as artes e toda a criação intelectual ficaram anestesiadas até 45... Quando surgiu a revista *Caderno da Bahia* - o país já vivia num regime liberal, sob a Constituição de 46 - o Modernismo reapareceu entre nós, mas de purado. No Sul, a nova proposta estética era a da chamada Geração de 45.*

O primeiro dos três números da revista *Mapa* foi lançado em julho de 1957, seguido em dezembro pelo segundo número, ambos dirigidos por Fernando da Rocha Peres, que, por transferir-se para Recife, deixou a direção do terceiro número com Glauber Rocha (1958). *Ângulos* 12, dezembro de 1957, página 137, saúda com aplausos *Mapa* 1 e 2, como o fará com *Mapa* 3, em *Ângulos* 13, pág. 158, em 1958. No citado depoimento¹⁷, Florisvaldo Mattos chama de "uma década fascinante", a dos anos 50:

*Então, o que *Mapa* criou e produziu resultou da incorporação de várias idéias que surgiram no final da guerra, inclusive do balanço que se fez do Movimento Modernista, e das conquistas da década de 50 - uma década fascinante -, sobretudo com o despertar do mundo para a era da comunicação de massa, sendo o cinema o grande porta-voz, vindo depois a*

televisão. Tudo isso acumulado, se depurando e se acrescentando, como ocorre em todo processo histórico, se incorporou ao trabalho de nossa geração, que se manifestou em vários campos. Na literatura, com a fundação de Mapa e, em 1961, das Edições Macunaíma — uma editora de autores — cujo objetivo era dar sentido às nossas criações, que, só espóradicamente, apareciam nas revistas e suplementos literários...¹⁷

Em longas e envolventes conversas telefônicas com ele, em São Paulo onde vive desde o Natal de 1956, obtive de Adalmir da Cunha Miranda a preciosidade de um depoimento de seis laudas datilografadas, no qual enuncia um bom número dos periódicos da época, de que tinha conhecimento e com cujos líderes se correspondia.

Para todos os do grupo pioneiro, e alguns dirigentes posteriores da revista, o principal fundador tem palavras de carinho e aplauso, mas é particularmente tocante em seu depoimento, com os que já se foram, como Machado Neto e Zahidê, Flávio Barbosa Costa e, da geração da revista Mapa que transitou por Ângulos, de 1957 ao início dos 60, Glauber Rocha. Um dos que morreram prematuramente é Eduardo Quintiliano Sobral da Fonseca, cujas iniciais E.S. aparecem com as de Adalmir (A.C.M.) assinando um documento muito importante na vida da revista, que foi seu primeiro editorial — um texto que realmente incorpora o espírito equilibrado de abertura e tolerância para com as idéias sob diálogo responsável, que parece permear o clima cultural entre os estudantes de Direito, nas décadas anteriores, percorridas neste ensaio. O fato de esse editorial ter permanecido aceso durante todos os vinte números de Ângulos confirma sua autenticidade como texto porta-voz.

Tem três páginas o editorial. Coloca inicialmente que "a mocidade do pós guerra de 1939 tem experimentado as mais duras decepções e, raramente, no exemplo dos antepassados imediatos, encontra um ponto de apoio...". Mas não aceita "o pessimismo dos moços e o seu escapismo em face dos problemas gerais que afligem o homem moderno". Exorta a "juventude universitária" a uma "afirmação consequente da sua dignidade, independência moral, política e intelectual". E opta por tolerância, aceitação, abertura, mas firmemente vigilantes:

... Não nos opomos, sistematicamente, às gerações anteriores negando, de modo absurdo, as contribuições legítimas que deram ao espírito de seu tempo. Julgamos, mesmo, que é dever da juventude acolher essa contribuição,

com espírito crítico, ... contra todas as formas de domesticidade social e reacionarismo — ético, estético, filosófico e ideológico.

A juventude de 1950 o dogma, em si mesmo, não preocupa, pois, no campo histórico e na atualidade, constatamos a existência de homens, filhos do dogma, que foram e são, ao mesmo tempo, grandes e verdadeiros revolucionários.... Porque o dogma é, antes do mais, um problema de graça. Portanto, não nos sentimos autorizados e, muito menos, capacitados para negar aqueles que sentem Deus em sua própria carne...

Aqui pode caber um parêntese para registro da amizade e admiração pessoal de Adalmir pelo grande poeta Murilo Mendes.

Mas o editorial prossegue lembrando "uma observação de Mário de Andrade" que vai reaparecer em editoriais futuros da revista Ângulos, junto com os comentários dos dois editorialistas. Falava Mário:

E os moços estão querendo exclamar a verdade, a verdade violenta, a verdade que vai chegar, mas não podem. A mocidade está engasgada e regouga surdamente. Mas não é por ignorância, por inadvertência ou displicência que a mocidade engasgou. A mocidade não engasgou. Engasgaram a mocidade.

Ângulos não pretende agradar aos jovens "simuladores, carreiristas", mas acredita que os "inocentes, mal orientados", merecem "o esclarecimento da maioria". O que a motiva é a busca da "vitoriosa Verdade que os moços presentem, feita de liberdade, de procura e de amor, no sentido da consecução de um humanismo novo que realizará melhor os nossos destinos." O que a motiva é "a esperança",

aquela pela qual ainda somos capazes de amar nossas mulheres, de dizer, terrivelmente simples como disse o poeta: Pedro, te chamo irmão; aquela que ensina as crianças a brincar de roda, mesmo cercadas pelos muros ou sobre ruínas vivas. E nós não somos ingênuos

... Esta revista do CENTRO ACADÊMICO RUY BARBOSA é criada com o objetivo de ser útil aos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia. De restabelecer a existência

cia de um diálogo... Não aceita uma orientação unilateral para o seu conteúdo. É ampla e não reflete a linha política de seus diretores, divergentes, nesse ponto mas que aderem à média geral das verdades deste editorial. Nesse sentido apresentará colaboração literária, artística e científica, portadora de um mínimo de méritos qualitativos que possa recomendar Ângulos como uma verdadeira revista de cultura aos universitários e intelectuais do Brasil que a lerem. A.C.M. - E.S.

Adalmir deixou Salvador em 1956, mas curiosamente, em 59 e 60, nos encontramos, vários de nós, — Bachareis veteranos e novos, bacharelados e aspirantes (alguns equivocados na escolha), — no suplemento "Literatura-Cultura-Arte", do *Jornal da Bahia* fundado em 1958 (governo Juracy Magalhães apoiando) pelo ex-diretor do Centro Acadêmico Ruy Barbosa, João Falcão, e dirigido também por Zitelmann de Oliva. No número de 3 e 4 de abril de 60, conjugavam-se artigos de Hildegardes Viana (sobre "Tempo de Crise"), João Eurico Matta (sobre "Nós e o Mundo"), Adalmir da Cunha Miranda ("Brasileirismos", a propósito de Xavier Marques, *Cultura da Língua Nacional*, Salvador, 1933) e o terceiranista de Direito João Ubaldo Ribeiro, traduzindo poematos de "dois poetas japoneses", com bonito desenho de Genaro de Carvalho. Um ano antes, — quando Adalmir visitava os Colônios Luso-Brasileiros geridos por Edgard Santos, — aquele suplemento, em 17 e 18 de maio, agrupava meia página com o poema "Carta a um Poeta", do Bacharel Aydano do Couto Ferraz, com a seção *Livros e Revistas de Arte*, do ex-estudante de Direito, ex-redator de *Caderno da Bahia* e de *Ângulos* Pedro Moacir Maia (comentando a recente "S(ENHO)R"), com Adolfo Casais Monteiro sobre "O ensino da literatura" e João Eurico Matta sobre "Literatura Geral Contemporânea", além da firme presença do vestibulando de Direito Glauber Rocha sobre "Orson Welles: confissão de um humilde cabotino".

Mas Adalmir não deixou a Bahia sem obter a formalização de uma estrutura e de diretrizes para *Ângulos*. Com seguiu isso através dos *Estatutos* do CARB, reformulados em 1952 por uma comissão constituída dos acadêmicos Marcelo Duarte, Fernando Macedo, Jairo Simões, Sílvio Santos Faria, Adalmir, Gildo Espinola Barbosa e Raimundo Reis¹⁸. Essas normas entraram em vigor em 4 de março de 1953 e fixavam diretrizes e estrutura da revista no artigo 54, como segue

Art. 54 - A revista (*Ângulos*) obedecerá às seguintes normas:

I - Uma parte será dedicada à ciência jurídica, à filosofia, às ciências sociais em geral, e outra parte dedicada à literatura, às artes e à crítica, com a colaboração de estudantes, professores, escritores e artistas, locais, nacionais ou estrangeiros.

II - Para toda matéria redacional será exigida máxima responsabilidade intelectual.

III - Será vedado à revista abordar questões político-partidárias ou religiosas.

IV - A revista não defenderá, nem combaterá partidos políticos ou religiões; a discussão filosófica, estética, científica deverá ser feita em termos elevados, de seriedade e respeito.

V - A direção de *Ângulos* promoverá sua divulgação entre professores, entidades estudantis, bibliotecas, órgãos de imprensa, revistas de cultura, nacionais ou estrangeiras, e, para esse fim, organizará um fichário de endereços.

4 CRONOLOGIA DAS FASES DA REVISTA E GEOMETRIA URBANA SENTIMENTAL DE *ÂNGULOS*

O quadro seguinte pretende facilitar o conhecimento esquemático da faseologia na história da revista *Ângulos*. É auto-explanatório, mas só apresenta os nomes dos principais dirigentes da chamada Diretoria do Centro Acadêmico Ruy Barbosa (CARB), do ponto de vista da edição da revista, a saber: o Presidente (Pres.) e Vice-Presidente (Vp) e o Secretário de Cultura (SC), a quem cabia indicar, *ad referendum* da Diretoria do CARB, o Diretor, o Redator-Chefe e os Redatores de *Ângulos*, na forma do Título III - Da Direção do CARB (art. 13, alínea g). Neste resumo do estudo do feito não há espaço para documentar todos os nomes dos cargos de Diretoria, o que ocorrerá na publicação do trabalho completo.

QUADRO DE CRONOLOGIA¹⁹

FASE	ANO	NÚMERO DA REVISTA	DATA	PRESIDENTE, VICE-PRESIDENTE E SECRETÁRIO DE CULTURA DO CARB (Pres., Vp e SC)	DIRETORES E REDATORES DE ÂNGULOS (DIR.: Redator-Chefe -RC; Redator Secretário - RS; Redatores - R; Páginação - P; DIRC: Direção Colegiada, nº 17-18; S: Supervisor; PG: Planejamento Gráfico; CB: Colaboração Bibliográfica)
1ª	I	1	set.1950	Pres.:Enio Mendes de Carvalho Vp: Alberico Fraga SC: Gildásio Lopes	DIR.:Adalmir da Cunha Miranda RC: A.L. Machado Neto R: Eduardo Sobral . Aluizio Sampaio . Renan Baleeiro
	I	2	abr.1951	Pres.:Enio Mendes de Carvalho Vp: Alberico Fraga Filho SC: Gildásio Lopes	DIR.:Adalmir da Cunha Miranda RC: A.L. Machado Neto R: Eduardo Sobral . Aluizio Sampaio . Renan Baleeiro
	II	3	out.1951	Pres.:Adalmir da Cunha Miranda Vp: Renan Baleeiro SC: Fernando Andra de Macedo	DIR.:A.L. Machado Neto RC: Adalmir da Cunha Miranda R: Zahidê Maria de Vinhais Torres . Raymundo Mesquita . Pedro Moacir Maia . Sadala Maron . Flávio Barbosa Costa
	III	5	out.1952	Pres.:Cícero Bahia Dantas Vp: Marcelo Duarte SC: Osvaldo Coelho	DIR.:Adalmir da Cunha Miranda RC: Raymundo Mesquita R: Pedro Manso Cabral . Gildo Espinola Barbosa . Ary Marques Porto . Sadala Maron
		6	abr.1953		
2ª	IV	7	set.1953	Pres.:Marcelo Duarte Vp: Antônio Bittencourt SC: Osvaldo Coelho	DIR.:Maria de Lourdes O. Santos RC: Moacyr Alves de Souza RS: Pedro Manso Cabral R: Carlos Costa . Hélio Terezino . João Santa Rosa de Carvalho
	V (ou IV) ¹⁹	8	mar.1954		
	VI (ou V)	9	ago.1955	Pres.:Carlos Alberto Reis de Andrade Vp: Antônio Cabral de Andrade SC: José Maria Nunes Marques	DIR.:Edna Saback Cohin RC: Eduardo Silva Costa RS: Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito R: Marialice Mercês da Silva Freire . Jarbas Pedreira de Cerqueira . Antônio Lantyer Nonato Marques . Remy Pompílio de Souza
	VII (ou V)	10	mar.1956		
	VIII (ou VI)	11	jan.1957	Pres.:Edson Pereira Vp: Mário Albiani SC: José Carlos Fraga	DIR.:Antônio Cabral de Andrade RC: Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito R: Florisvaldo Mattos
3ª	VII	12	dez.1957	Pres.:Mário Albiani Alves Vp: Gabino Kru schewsky SC: Nemésio Leal A. Salles	DIR.:João Eurico Matta R: Florisvaldo Mattos . Glauber Rocha . Alberico Motta . Rômulo Carvalho

FASE	ANO	NÚMERO DA REVISTA	DATA	CARB	DIRETOR E REDATORES DE ÂNGULOS (COORDENAÇÃO)			
		3ª	VIII	13	jul.1958	Pres.:Gabino Kru schewsky Vp: Geminiano Conceição SC: Kleber Amâncio Costa	DIR.:Nemésio Salles P: Glauber Rocha	
				IX	14	mai.1959	Pres.:Jorge Medauar SC: Antônio Guerra Lima	DIR.:Fidélis Geraldo Sarno R: David Salles . Joacy Goes . Ary Guimarães . Raimundo Larangeiras
				X (ou IX)	15	mar.1960		
4ª			X	16	dez.1960	Pres.:Humberto Colonezi Vp: Raul Ferraz SC: João Ubado Ribeiro	DIR.:Noênio Spínola RC: Antônio Guerra Lima R: João Pedro Modesto . Ildázio Tavares . João Gil . João Berbert	
				XI (ou X)	17	nov.-dez. 1961	Pres.:Edvaldo Pereira Brito ²⁹ SC: Gorgônio Araújo Neto	DIRC:João Pedro Modesto e João Ubaldo Ribeiro S: Noênio Spínola R: João Berbert . Carlos Nelson Coutinho . Hamilton Nonato Marques . Carlos Alberto Oliveira
				-	18	1965-1966	Pres.:Carlos Murilo Pimentel Marmore SC: José Augusto Cabral Barreto	DIRC:Carlos Vasconcelos Domingues, Fernando Roth Schmidt, Elenal do Celso Teixeira e Wally Dias Salomão
5ª			-	Número especial (90 anos da Fundação)	mai.1981	DIR.-DARB . Maria Augusta Lima de Souza . Waldemar Oliveira . José Melchades C. da Silva . Paulo Sérgio Borges Pereira . Pedro Alcântara . Teresa Cristina A. Ferreira		
				(podia ser nº 19)				
				2(sic) 2(sic)	1982 ²⁰	Pres.-DARB . Paulo Sérgio Borges Pereira SC: Alexandre Gazineo		
				(podia ser nº 20)				

Relembremos, agora, a **geografia urbana sentimental do estranho polígono** — aparentemente um hexágono irregular — que com suas linhas imaginárias ligava, de 1950 até mudanças físicas de fins da década e início dos 60, a **Faculdade de Direito**, pela Avenida Joana Angélica, ao **Colégio da Bahia** e, lá adiante, pelo bonde e pelo ônibus, à **Faculdade de Filosofia**; desta, uma linha direta voava, sobre o solar Gões Calmon (Museu do Estado de Carlos Eduardo da Rocha), em direção à **Escola de Belas Artes** (Rua 28 de Setembro, subindo para os conventos de São Francisco, via Rua da Independência; daquela parte a linha que toca na **Faculdade de Medicina** (origens, 1808), no Terreiro de Jesus e do Colégio; daí, voando sobre a Praça da Sé onde se derrubara a Sé original em nome de um progresso denunciado, com brilho, por Fernando Peres, nos anos 70, nova linha retornará para a Avenida 7 de Setembro, em frente ao relógio urbano de São Pedro, onde está o antigo prédio da **Escola Politécnica**; desta se abre um ângulo para atingir a **Faculdade de Ciências Econômicas**, na Praça da Piedade; daí a linha volta para a **Faculdade de Direito**, no antigo Portão da Piedade, com nome de jurista célebre. Tem-se aí uma forma linear, angular e poligonal — um barco a vela, talvez uma asa delta — direcionada para as colinas do Canela, de onde o Hospital das Clínicas e o então futuro Palácio da Reitoria permitirão descer as altitudes da Federação e o vale do próprio Canela, desembocando naturalmente na Avenida Centenário em forquilha que dará no Rio Vermelho, pela antiga linha de bonde depois Avenida Garibaldi, e na praia de Ondina, por uma varriante. Por aí se espalhou a Universidade da Bahia.

A página seguinte mostra, em mapa de 1965, para fins turísticos em Salvador, o desenho do **polígono** que envolve, no centro da cidade, aquelas escolas.

5 CARACTERÍSTICAS DAS CINCO FASES

- . FASE I. Construção Humanística e laços com a *Geração de Caderno da Bahia*. Números **semestrais** de 1 (set. 1950) a 6 (abr. 1953)

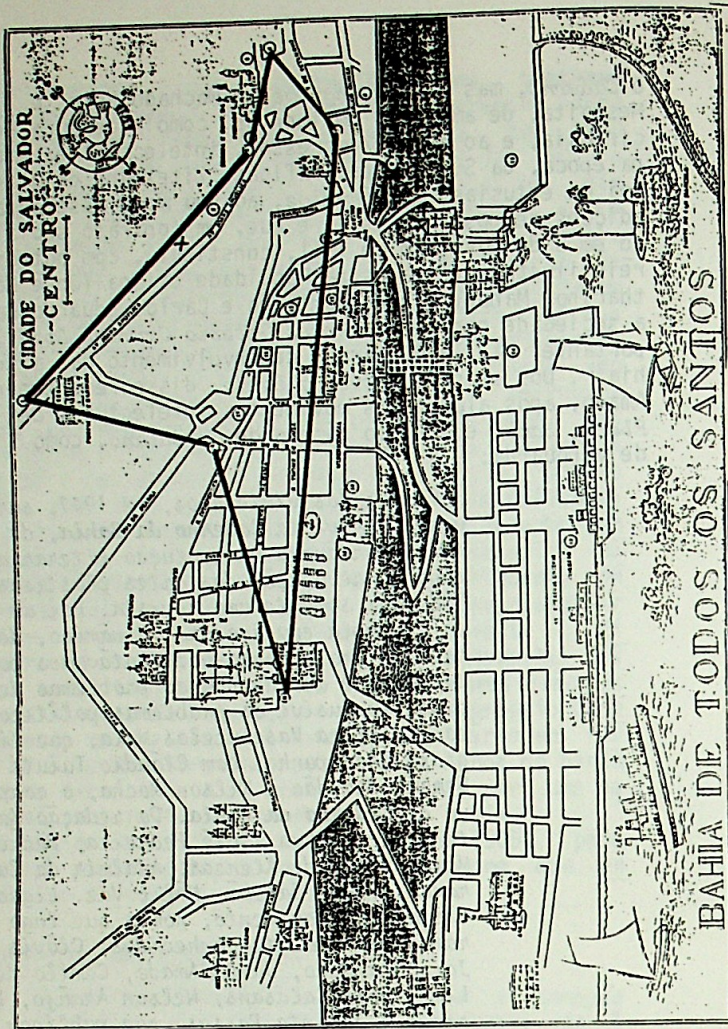
Mário de Andrade morrera em 1945 e o grande animador cultural baiano, Carlos Chiacchio, — por seu rodapé de *A Tarde*, — morreu em 1946. O desânimo seguinte foi um dos motivos para que o saudoso jornalista dos *Diários Associados* na Bahia, Cláudio Tuiuty Tavares, "na verdade o fundador de fato da revista", — como lembrou em depoimento de 1981 Carlos Vasconcelos Maia²¹ — procurasse este "já com a boneca do 1º número do *Caderno da Bahia*". Entre os fatos extremamente interessantes ressaltados por Vasconcelos Maia está a referência a Walter da Silveira, — que fundou em 1950 o Clube de Cinema da Bahia e que sempre apoiou, não só

o *Caderno*, mas também *Ângulos*; a Machado Neto e Raymundo Mesquita, de ambos os movimentos, como sucedeu a Pedro Moacir Maia; e ao editor/impressor, intelectual e empresário, na época, da S.A. Artes Gráficas, Zitelmann de Oliva, — que foi um entusiasta de *Ângulos*, ao seu modo assessorando as edições de nossa revista, e que, em contrato social assinado em 8 de novembro de 1951, constituiu, com outros Bacharéis ilustres formados na Faculdade baiana (José Martins Catherino, Manuel Cintra Monteiro e Carlos Eduardo da Rocha), a sociedade por quotas *Artes Galeria Oxumaré Ltda.*, tão importante, até 1960, para o desenvolvimento das artes na Bahia²². Dos seis *Cadernos da Bahia*, disse recentemente Jorge Amado, após aludir aos movimentos intelectuais de *Arco & Flecha*, *Samba* e o único número de *Meridiano*, como revistas de vanguarda:

Decorridos vinte anos, em 1947, surge em Salvador a revista Caderno da Bahia, de fundamental importância na evolução literária e sobretudo na revolução das artes plásticas baianas. Não foi somente uma revista. Foi um movimento de ampla envergadura, dinâmico, do qual a revista era o porta-voz. Lutávamos por uma arte mais de acordo com os problemas de nossos dias, inclusive os problemas políticos da época', explica Vasconcelos Maia, que liderava o grupo e compunha, com Cláudio Tuiuty Tavares, Darwin Brandão e Wilson Rocha, o corpo diretivo de Caderno da Bahia. Da redação faziam parte Mota e Silva, José Pedreira, Pedro Moacir Maia, Heron de Alencar, Adalmir da Cunha Miranda, Paulo Jatobá, Hélio Vaz. Ligados à revista e ao movimento, nomes que logo se fizeram nacionalmente conhecidos: Clóvis Moura, Jair Gramacho, James Amado, Camilo de Jesus Lima, José Calasans, Nelson Araújo, Luís Henrique e Jacinta Passos, que publicou em Caderno da Bahia alguns de seus mais belos poemas.

A maior importância desse movimento está, segundo me parece, na aliança dos jovens literatos com os jovens artistas que só então iniciavam a luta contra o academicismo ainda dominante na plástica baiana. Três nomes se im põem desde o primeiro número da revista, os de Mário Cravo Junior, Genaro de Carvalho e Carlos Bastos (ou, como se assinava na época, Carlos Frederich), aos quais logo se somam os de Lígia Sampaio, Rubem Valentim, Mirabeau Sampaio e Jenner Augusto, este recém-chegado de Sergipe, magro, inquieto, revolucionário. O

ÂNGULOS (1950 - 1966) - GEOMETRIA URBANA SENTIMENTAL
 dos contatos de inteligência do CARB (Faculdade de Direito) 1
 com e dos ditetórios de cinco Faculdades do golfo como central
 1 Filosofia (passando pelo Colégio de Bahia 2), 18 Belas Ar-
 tes, 20 Medicina, 1 Politécnica e 6 Ciências Exatas.



LEGENDA:

- 1 Faculdade de Filosofia
- 2 Convento de Lepa
- X Colégio de Bahia
- 3 Faculdade de Direito
- 4 Gabinete Português de Leitura
- 5 Sec. de Segurança Pública (Estado)
- 6 Faculdade de Ciências Econômicas
- 7 Escola Politécnica (Engenharia)
- 8 Mercado das Flores
- 9 Museu de Arte Sacra
- 10 Central de Correios e Telégrafos
- 11 Escola de Aprendizagem Maximiano
- 12 Igreja da Ajuda
- 13 Pálacio Hotel
- 14 Alameda
- 15 Patrimônio Histórico (Gov. Federal)
- 16 Igreja da Misericórdia
- 17 Corpo de Bombeiros
- 18 Escola de Belas Artes
- 19 Pálacio do Arcebispado (56)
- 20 Faculdade de Medicina

Mapa Turístico da Cidade de Salvador
 editado pelo Conselho Editorial de Im-
 prensa Oficial da Bahia - 1965

grupo promove exposições, algumas em praça pú-
 blica, que provocam imenso escândalo. Desen-
 cadeia-se a batalha da arte moderna na Ba-
 hia.²³

É muito grande o laço da Fase I de *Ângulos* com es-
 se movimento. Os artistas plásticos que contribuem com suas
 ilustrações para os números 1, 2, 3 e 4 da revista são to-
 dos ligados aos *Cadernos da Bahia*: Lígia Sampaio, Carlos Bas-
 tos, Jenner Augusto, Genaro de Carvalho, Carybê, Rubem Va-
 lentim. Lígia aparece em três números e faz a capa do nº 4.
 Bonader e Marcelo Duarte - este, amador, completam o qua-
 dro. Os nºs. 5 e 6 não têm ilustrações. Também, obviamente,
 autores que figuram nos *Cadernos* o fazem em *Ângulos*.

Nesta fase predominam os textos de filosofia, de
 crítica literária, poesia e ficção. Aparecem poucos textos
 técnicos, do campo jurídico. Com exceção do sexto número, ar-
 tigos e pareceres de professores estão presentes, embora pou-
 cos: Nelson Sampaio, duas vezes; Orlando Gomes, no nº 1; Jo-
 saphat Marinho e Lafayette Pondê, também duas vezes; e Luiz
 de Pinho Pedreira. Dos estudantes, Machado Neto escreve um
 artigo em cada revista. Washington Bolívar de Brito consa-
 gra, no dia 11 de agosto de 1950, "Ruy e a gravidade" dos
 tempos correntes. Alguns ilustres estrangeiros figuram, mais
 em "vinhetas fraseológicas" do que em artigos. Escrevem tex-
 tos técnicos Sílvio Faria, em quatro números; Marcelo Duar-
 te, Maria Elisabeth Tude Junqueira Ayres, Carlos Antunes de
 Carvalho e o próprio Adalmir, no nº 4. Adalmir está sempre
 presente na parte II, letras e crítica literária, e nos ex-
 celentes registros bibliográficos e de revistas.

García Lorca ("Ai!"), Murilo Mendes (um manuscri-
 to então inédito, oferecido a Adalmir para *Ângulos* 1) e o
 saudoso Eduardo Sobral são os poetas no primeiro número. Nes-
 te está o conto "A Derrota", de Vasconcelos Maia. Nos demais
 números se faz homenagem póstuma ao poeta Enoch Santiago Fi-
 lho, Bacharel de 45, e a poesia brilha, com traduções de
 Paul Eluard e Jorge Guillén, com antologia cuidadosa de poe-
 tas também de outras plagas, e com os acadêmicos (estuda-
 tes) poetas, como Sadala Maron e o presidente do CARB, Ênio
 Mendes. Sadala Maron comenta o *Claro Enigma* de Drummond.
 Raymundo Mesquita comenta Fernando Pessoa. Adalmir e Flávio
 Costa fazem crítica. E há preciosas resenhas, interessante
 noticioso sobre o movimento editorial da época, especialmen-
 te o louvor aos *Cadernos da Bahia* e às edições Oxumarê, que
 tinham publicado Wilson Lins. É alta a qualidade dos textos
 estrangeiros: por exemplo, contos de Graham Greene e James
 Joyce, poemas de Camilo Pessanha e Eliot, Rilke, Vicente
 Aleixandre. Há um elogioso *requiem* a propósito do sexto e
 último número do *Caderno da Bahia*. E grandes homenagens a
 Adalmir, que se gradua e deixará Salvador.

. FASE II. Tecnicismo das Semanas anuais de Estudos Jurídicos. Números anuais de 7 (set.1953) a 11 (jan.1957)

É óbvio que o próprio título caracteriza a fase: predominam as conferências, os artigos e as teses em torno de assuntos de Direito, embora a Ciência Política — uma forte preocupação com temas de Socialismo, Comunismo e Democracia — tenha grande realce. Também pela influência exercida por Nelson Sampaio em sua disciplina "Teoria Geral do Estado". Todavia, as revistas (cinco) desta Fase não descuram da temática Humanismo.

Prova dessa preocupação humanística se encontra na presença de poetas e vinhetas de grande sabedoria filosófica em sua seleção de textos, de Toynbee e Carlos Drummond de Andrade, de grandes Doutores da Igreja a Leonet Franca e Alceu Amoroso Lima. O pensamento da Juventude Universitária Católica permeia, discretamente, alguns números desta Fase. Que no seu início conta com um Manifesto do CARB ao Povo Brasileiro, do Presidente Marcelo Duarte. O Deputado Wilson Lins o lê na Assembléia. Compreende-se a preocupação do Presidente Carlos Alberto Andrade com a "desvalorização do Direito". A Diretora de Ângulos, Edna Sábuck Cohin defende os católicos argentinos contra o peronismo, que vai esvaír-se no período. No Brasil da década da Administração para o Desenvolvimento, assim definida pela ONU, os estudantes estão interessados em Planificação Brasileira (Jairo Simões) e temas de Administração Pública e Empresarial, especialmente sociedades de economia mista e empresas públicas. As teses dos participantes baianos de várias Semanas Jurídicas se publicam, no todo ou em parte. Esses encontros mobilizam professores também.

No campo literário temos a poesia de Murilo Mendes e o "Canto para Trotsky" de Moniz Bandeira, com outros poetas, alguns surpreendentes como Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito e Ary Marques Porto e Marialice Freyre. Não surpreendem Sadala Maron e Florisvaldo Mattos. Mas Ary Guimarães se mostra contista. Enquanto Adalmir Miranda faz a crítica da "25ª Hora" (extraída de seu livro A margem das páginas) e Flávio Costa festeja O Romance de Tobias Barreto, de Junot Silveira.

A Fase é pobre de ilustrações, sisuda de textos, de resenhas, de noticioso. Há capas geométricas de Marcelo Duarte. E uma "Camponesa" de Jenner.

. FASE III. Renovação Humanística e laços com a Geração de Mapa. Números 12 (dez.1957) a 15 (mar.1960)

Glauber Rocha presente nos números 12 a 15, como redator, paginador, esteta e crítico de cinema; a volta de Adalmir da Cunha Miranda no nº 13, trazendo Renata Pallotini — poesia paulista de primeiro quilate; xilogravura de Calasans Neto e cores na capa do 12 (Calasans voltará a ser capa no nº 17); desenho de Mário Cravo no nº 13; linda capa em azul, de Jenner (e só esta ilustração) no nº 14; linda capa em vermelho, de Genaro (e só ela), no nº 15; a poesia de Fernando Peres, Frederico José de Souza Castro, Florisvaldo Mattos e Jair Gramacho; a presença de Machado Neto e de seus alunos João Ubaldo Ribeiro e David Salles; no nº 12 os desenhos de Sante e Raimundo Oliveira — todos esses fatos caracterizam, na terceira fase de Ângulos, um encontro das gerações de Caderno da Bahia e de Mapa, esta com suas origens na experiência das Jogralescas baianas de 1956-57. Junte-se a esse traço a onda do nacionalismo que se formara no Rio, depois do suicídio de Vargas, com os intelectuais do chamado grupo de Itatiaia, travestido em ISEB — Instituto Superior de Estudos Brasileiros — em 1955, e que vai num crescendo molhar as areias da revista, com maior vigor na quarta fase (n.ºs. 16, 17 e 18).

No caudaloso e brilhante livro de 1981, Revolução do Cinema Novo (Rio: Alhambra/Embrafilme), além da boa dose referência a meu nome, de pág. 248, Glauber alude ao "interessante, mas deficiente" disco gravado pelos Jograis de São Paulo e deixa claro como avaliava aquele movimento dos Jograis baianos e as duas revistas, naqueles anos em que ele e sua então esposa Helena Ignês se matriculavam numa Faculdade de Direito que abandonariam, afinal:

Na Bahia em 1957 a mesma geração montava com gerações mais velhas, o Jornal da Bahia ... As Jogralescas se dissolveram no tempo que o vento levou da Utopia no Colégio clássico. A revista Ângulos era uma tribuna para filósofos, juristas e políticos. Não queria o doutorado. Saí da faculdade, fui trabalhar como repórter policial e crítico cinematográfico no Jornal da Bahia. Saiu o último número da revista Mapa, fundada por Fernando da Rocha Peres. (pág. 277)

As Jogralescas e Mapa foram a Semana de Arte Revolucionária da Bahia entre 1955/1958. (pág. 295)

Gravando em Salvador o seu já citado depoimento sobre o que chama de "a geração de Glauber", Florisvaldo Mattos, o poeta de Reverdor (1965) e Fábula Civil (1974), publicados pelas Edições Macunaíma, diz sobre Ângulos:

Considero Ângulos a revista mais importante

te que já se fez na Bahia. Depois dela não houve nenhuma publicação que tivesse o senti do integrativo de arte, literatura e política... Embora financiada pela Universidade, **Ângulos** foi um instrumento de luta contra o academicismo e a acomodação intelectual...

Mas **Ângulos** dependia muito da política estudantil. Quando o pessoal da direita vencía as eleições para o CARB, a revista se tornava mais acadêmica, mais intimista e mais confessional — isso, evidentemente, no plano literário. Quando era a esquerda que dominava, a revista tinha então uma proposta mais inovadora. Esse grupo chamado de esquerda, com o qual eu me identificava, assumia uma posição, digamos, romântica, de contestação da ordem cultural vigente. Não tínhamos nenhum compromisso político-ideológico, nada explicitamente definido em termos partidários, embora o pessoal da Juventude Comunista atuasse na Faculdade, mas sem conseguir penetrar na revista. Na verdade, o chamado pensamento de esquerda foi o que mais dominou a revista — que, curiosamente, nunca deixou de ser financiada pela Universidade...

Em janeiro de 87 Jorge Amado, costurando memórias dos movimentos de *Arco & Flexa*, *Samba*, *Meridiano* da Academia dos Rebeldes ("não passou do primeiro número, nós, os Rebeldes, éramos pobres como Job"), *Caderno da Bahia* e *Mapa*, diz dessa revista (errando no 1958, que se deve ler 1957):

Anos depois (dos *Cadernos* de 47 a 51), em 1958, alguns moços universitários lançam a revista **Mapa**, rompendo mais uma vez velhas estruturas. Desse movimento nasce o Cinema Novo e todo o moderno teatro baiano. O diretor de **Mapa** era Glauber Rocha e a seu lado estava Paulo Gil Soares. Outros redatores importantes: Fernando da Rocha Peres, fundador da revista, Florisvaldo Mattos, Carlos Antônio Melhor, José Contreiras, Frederico Sousa Castro. Os artistas do grupo eram Calasans Neto (que aliás, na época, em românticos bilhetes para a namorada Auta Rosa, assinava-se Kallah, assim mesmo, com k, dois eles e agã no fim). Sante Scaldaferrì, Hélio Basto. ... Os meninos que fizeram **Mapa** revelavam uma incrível maturidade intelectual, davam a vol

ta por cima.²⁴

Pois a terceira fase de **Ângulos** confraterniza com esse grupo de *Mapa*, e o faz seguindo as diretrizes que um intelectual da geração de *Caderno da Bahia* redigira, em nome de um grupo com Marcelo Duarte e Machado Neto e Jairo Simões e Raimundo Reis, nos *Estatutos* do Centro Acadêmico Ruy Barbosa, em 1952. Apenas ressalta, na estrutura da revista, uma parte especial, dedicada ao cinema, como se vê nos nºs 12, 13, 14 e 15.

Admiravelmente paginada por Glauber e com três ilustrações (o casario baiano de Menocal, na capa com tiras azuis; o desenho da igreja de Nossa Senhora do O', de Ieda — 1958 — Sabará; e os traços ponteados de um S metálico, de Mário Cravo), a revista nº 13, entre outros méritos, traz uma excelente parte final, de registro biográfico, revistas em revista, noticiário cultural e estudantil. É uma curiosa esquina de encontro de gerações, de *Caderno da Bahia* e **Ângulos** e *Mapa*, com resenhas de livros publicados pelo ISEB (de Guerreiro Ramos, *Ideologias e Segurança Nacional*; de Hélio Jaguaribe, *A Filosofia no Brasil*) e escritas por Nênesio Salles e Antônio Luiz Machado Neto, mais um comentário de João Pedro Modesto da Silva sobre "El Ocaso de las Revoluciones", famoso ensaio de Ortega y Gasset. E as gerações de *Arco & Flexa* e da Academia dos Rebeldes estão presentes na notícia da comissão provisória que está ditando a **União Baiana de Escritores**, recém-fundada em virtude de desativação da Associação de Escritores que tivera, entre seus dirigentes, Adalmir da Cunha Miranda. Lá estão Pinto de Aguiar, Carvalho Filho e Walter da Silveira, com Flávio Costa e Vasconcelos Maia.

Em *O Estado de São Paulo* de 18 de outubro de 1958 Adalmir da Cunha Miranda publicava notícia sobre o nº 13 de nossa revista:

Ângulos é, de fato, um órgão de cultura, com limitações naturais, decorrentes de determinações das injunções a que todas as publicações culturais estão sujeitas, no Brasil; mas não se assemelha a nenhuma revista de universitários, entre tantas mediocres que existem. Aquilatese pelos seguintes, entre outros, temas e autores que apresenta: A.L. Machado Neto, com um estudo sobre a ética intelectual num mundo sem liberdade; Guerreiro Ramos, com um artigo sobre a consciência crítica da realidade nacional; Sílvio Faria com um estudo sobre finanças patrimoniais no Brasil; J. Eurico Matta com um estudo sobre os intelectuais soviéticos e a luta ideológica em física; poemas de

Mário de Sã Carneiro, versão de página de Albert Camus, estudo sobre o meio geográfico em Graciliano Ramos, de David Salles, artigo de Hamilton Correia sobre Ingmar Bergman, um estudo de Glauber sobre cinestética, e, na parte de registro bibliográfico, em resenhas críticas, esses moços se preocupam com Graham Greene (Napoleão Lopes Filho), Ortega e Gasset e outros motivos de atualidade literária. Nesta mesma edição os moços de *Ângulos* prestam homenagem à memória de Edgard Cavalheiro. O último contingente de intelectuais baianos integra, pois, o processo de elaboração do dinamismo cultural da Bahia.

Por elegância, Adalmir omite que *Ângulos* 13 publica o seu estudo prefácio do livro de poemas *A Casa*, de Renata Pallottini (então a ser editado pelo Clube de Poesia de São Paulo). E publica também os sonetos "Amor" e "Chegada", de Renata. E por igualdade de tratamento deixa de mencionar que lá estão, também, um soneto de Fernando Peres, o "Sistema Agrário" de Florisvaldo Mattos que eu publicara na *Gazeta do Salvador* em 1957 (com pequenos ajustes feitos pelo poeta, nessa versão de 58) e o "Itinerário dos Afogados do II", de Frederico José de Souza Castro (e os poemas de Mário de Sã Carneiro foram seleção de Florisvaldo).

Nos nºs 14 e 15 *Ângulos* deixa de apresentar-se como "órgão de cultura" e passa a "revista do CARB". Glauber e os poetas da geração de *Mapa* estão presentes, com os jovens ficcionistas João Ubaldo Ribeiro e David Salles. Mas o grande tema, expresso com força nos editoriais de Nemésio Salles e Fidélis Sarno, é o **nacionalismo**, que se exacerbará nos nºs 16 e 17. Agradecida ao apoio do Prof. Pinto de Aguiar, a revista faz a apologia do "Movimento" e dos "Comandantes Nacionalistas", e de autores como Guerreiro Ramos, Ignácio Rangel e Gilberto Paím, citados em editorial, como o Deputado Sérgio Magalhães. O 15º editorial ataca a repressão policial aos sindicatos e a UNE, critica o governo, salienta as "manifestações anti-imperialistas" sofridas pelo Presidente Eisenhower em sua visita a países latino-americanos e chama a atenção para "clarões" — "E Cuba é um deles", conclui, depois de indagar o que representava a "Operação Pan-Americana", proposta mal-sucedida de Juscelino Kubitschek, "ante a revolução cubana, que se atreveu a desmascarar os vergonhosos e humilhantes termos em que são postas as relações inter-americanas?".

Em maio de 1959 quando o nº 14 publica os artigos de Machado Neto sobre "Aspectos Sociais, Políticos e Culturais do Desenvolvimento Nacional", Ignácio Rangel sobre "Formação dos Preços e Ociosidade" e do Deputado Federal Sérgio

Magalhães, "Implicações Políticas da Conjuntura Econômica". O estudante João Pedro Modesto está também preocupado com a "Problemática do Nacionalismo", enquanto o bacharelado Edivaldo Boaventura, com "Cidade e Habitação". Mas o quartanista Fidélis Sarno, que dirigirá o nº 15, escreve sobre "Reforma do Ensino Jurídico", preocupação que se ampliará, no nº 17, novembro-dezembro de 1961, em dois artigos sem assinatura sobre a reforma da Universidade e a Revolução Brasileira e esse problema sob o ângulo da Faculdade de Direito.

FASE IV. "Nacionalismo" e "Revolução" nos números 16 (dez. 1960) e 17 (nov.-dez. 1961). A primeira "interrupção" (latência) e laços com sementes do Tropicalismo no número bianual 18 (1965-1966).

Com capa vermelha e três ilustrações, mas sem indicação de data e ano no frontispício — dezembro de 1960 só aparece no fim do editorial assinado por N.S. (Noênio Spinola, diretor da revista) — o nº 16 se apresenta como comemorativo dos 10 anos de "fundação" de *Ângulos*. Composto, como quase sempre, na S.A. Artes Gráficas.

Versando sobre "revolução" e "nacionalismo", o editorial opina que os dez anos, desde a criação da revista, testemunharam um processo de "consciência" que pretende alcançar a maioridade como Nação". Em linguagem desse modo isebiana, conclui-se que "esses 10 anos de *Ângulos* são a melhor prova de que" os estudantes de Direito "não nos omitimos nunca".

O jurista argentino Carlos Cossio viera a Salvador em 1959, para dar um curso sobre sua concepção "egológica" do Direito: como eu cursava o primeiro ano do Doutorado em Direito Público, na ocasião, assisti a essas palestras. Ouvi Machado saudá-lo²⁵. Mas o importante era que o nosso "professor de idéias" — como o chamou, em homenagem *post-mortem*, Julião Marías, por Machado trazido a Salvador, em 1975, para "professar" no Mestrado de Ciências Sociais²⁶ — já se cercava de discípulos como, em 1960, Ildário Tavares, que publicou em *Ângulos* 16 o artigo "As Ontologias Regionais", versando conceitos de Meinong e da "teoria egológica" de Cossio; o mesmo fazendo Duarte Lago Pacheco, sobre "A Formulação Egológica da Norma Jurídica". Os outros textos mais técnicos, na revista do décimo aniversário, são "O Enquadramento Sindical na Consolidação das Leis Trabalhistas", de Edivaldo Boaventura, e "A Revisão do Conceito de Tributação", de Sílvio Santos Faria. Mais amplo é o tema do já mencionado "A Missão das Faculdades de Direito", de Calmon de Passos.

Machado Neto — que na edição especial do 29º ani

versário do *Jornal da Bahia*, setembro de 60, publicara um enorme texto de pesquisa (com 500 baianos) sob o título "Nacionalismo e Regionalismo: o caso baiano" — escreve no nº 16 sobre aspectos sociais do Subdesenvolvimento Nordestino, seguido por Carlos Costa, "Sobre o Científico e o Ideológico em Matéria Social", por Carlos Nelson Coutinho — admirável revelação de pensador — sobre "O processo das Contradições e a Revolução Brasileira", por João Pedro Modesto, "A Crise do Capitalismo e as Revoluções Nacionais"; e João Berbert sobre "Nacionalismo: Reação ou Revolução?".

Antes da seção de **Contos**, com Sônia Coutinho ("Sábado de Encontro"), David Salles ("A Traíçoira Invenção da Noite") e Antônio Guerra Lima ("Os Olhos Armados de Sentinela"), aparece em tradução de Nemésio Salles, na trilha das antigas admirações do viajante poeta Sadala Maron, um texto de Bertolt Brecht, "Cinco Dificuldades para Escrever a Verdade". A seção **Poesia**, ressaltada com papel vermelho e xilogravura, apresenta dois poemas de Carlos Antsio Melhor, dois "Sonetos Caprinos" de Florisvaldo Mattos e o "Soneto Oitavo de Atalanta em Calidônia", de Jair Gramacho. Segue-se um comentário de Lina Bardi sobre "Artes Menores" (notas para criação de uma Cadeira de Desenho Industrial). Entre duas ilustrações e um breve noticiário sobre atividade do CARB sob a direção de Humberto Colonnezi publicase, para fechar o número do decênio, o "Primeiro Discurso sobre a Ciência (o Problema de sua Formulação)", de Auto José de Castro.

No Ano XI, o nº 17 de *Ângulos* tem dois Diretores: João Pedro Modesto e João Ubaldo Ribeiro, e um Supervisor, que é o então contista Noênio Spínola. A capa é de **Calasans Neto** — elo com a geração de *Mapa* a que se vinculara, por sua grande amizade com Glauber Rocha, o próprio João Ubaldo. O Secretário de Cultura do CARB é Gorgônio Araújo Neto. No relatório da Diretoria da Faculdade, exercício de 1961, o prof. Nelson Sampaio diz que o "quartanista Edvaldo Pereira Brito, em 9 de maio, sucedeu ao seu colega Humberto de Carvalho Colonnezi", na presidência do CARB. Este participou do XXIV Congresso Nacional de Estudantes, em Niterói, e da XI Semana Nacional de Estudos Jurídicos (e X Concurso Nacional de Oratória), em Manaus. E "vieram a lume o nº 17 de *Ângulos*, algumas edições de A PALAVRA e a publicação dos **primeiranistas**, RENOVAÇÃO"²⁷.

O clima da revista lembra certas passagens da fala de posse em sua cátedra, em 8 de novembro de 1961, do professor Calmon de Passos, "O Jurista e a crise da Vocaçāo do Direito", já citada. Aí, citando Guerreiro Ramos de modo dramático e em longo parágrafo que se fecha com a frase "A verdade do Brasil de hoje é a revolução", Calmon a firma: "Hoje, moram nas Escolas de Direito apenas o silên

cio ou a lamentação. ...O ambiente nas Escolas de Direito, em nossos dias, é de frustração e desencanto". Por aí se vê o eminente Bacharel formado no Recife e meu admirável companheiro de trabalho, no programa de Reforma Administrativa desenvolvido pelo governo Lomanto Júnior, de 1963 a 1967.

No editorial sem assinatura (nem mesmo iniciais) se lê:

Ângulos surge outra vez com mensagem que não é bem a tranqüila mensagem do Natal.

Alude ao General De Gaulle, a Mr. Kennedy e à Argentina. Explicam-se os três "trabalhos" que ilustram, de modo triste, a revista: são de Käthe Kollwitz (1867-1945), gravadora e escultora alemã (nascida Schmidt) que foi portavoz dos oprimidos, das vítimas da injustiça social e da guerra, protestou contra Hitler em 1933 e foi patrulhada até morrer. Nasceu na terra de Kant, Königsberg (então Prússia, hoje Alemanha Oriental).

A parte I da revista tem cinco artigos: Pedro Modesto, "Dialética do Movimento Sindical Brasileiro"; Carlos Nelson Coutinho, "Problemática Atual da Dialética"; Jorge Peltier Freire, "O Humanista Karl Marx"; Edivaldo Boaventura, "A Categoria como Elemento do Enquadramento (sindical)"; e Sílvia Santos Faria, "A Intervenção do Estado no Domínio Econômico e o Princípio da Imunidade Recíproca dos Entes Públicos".

Aparece em seguida uma crônica de Duarte Lago Pacheco, intitulada "Sugestão importante sobre Fome, Inflação". Há só um poema, sem título, de Jair Gramacho (p.95), representando a seção **Poesia**. Uma seção paginada como de **Estórias** apresenta um conto de Noênio Spínola ("O Patriarca"); "A Revolução - I", de João Ubaldo Ribeiro; e "Nascimento de uma mulher", conto de Sônia Coutinho, — irmã de Carlos Nelson, filha do poeta e Bacharel de 1935 Nathan Coutinho, e da qual Antônio Carlos Villaza diz ser "uma das mais notáveis contistas brasileiras contemporâneas"²⁸.

Antes do texto final da revista, que é de Orlan do Senna sobre "Cinema Novo - 1 e Novo 2 (Glauber)", há dois artigos, sem autor, sobre "A Reforma da Universidade e a Revolução Brasileira" e "O Problema da Reforma e a Falta de Direito".

Depois disso *Ângulos* silencia até 1965-1966, ocasião em que seu editorial usará a palavra "latência" para nominar o que também chama de "interrupção". Mas em seu último livro, *Revolução do Cinema Novo* (1981), já citado, em cujo prefácio ele enfatiza que "este livro não é reedição de *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro* (1963)", Glauber recorda com carinho (p. 371 ou 293) esse "grupo *Ângulos*"

dos mais novos, Nemésio, Noênio, David Salles, Sônia Coutinho e João Ubaldo, associados à "geração Mapa se achegam do ao *Diário de Notícias* dirigido por Ignácio de Alencar (Orlando Senna, Antônio Guerra Lima, Carlos Nelson Coutinho... Fidelis... Fernando Peres... Carlos Anísio Melhór... (p. 293)... "(p. 293)... — continua Glauber Rocha fazendo desfilar nomes, de memória solta — "... Rogério Duarte liderando a nova geração de Caetano, Gil, Capinam, Alvaro Guimarães, Tom Zé, Paulo Lima, Maria Bethânia..." O cineasta parece fazer cinema em *fast motion* com suas lembranças, que aqui falam do teatro baiano e os conflitos de José Augusto com o patriarca Martim Gonçalves, ou "Luís Carlos Maciel em lua-de-mel com Ione Argolo", e saltam para "Paulo Gil, *Joca* — João Carlos Teixeira Gomes, seu amigo do Colégio e do *Jornal da Bahia* — e Florisvaldo Mattos..." (p. 370).

A lição desse fluxo de memória está em que Glauber percebia com aguda intuição as conexões geracionais, como naquele rito de *passagem* da *chave simbólica* que os estudantes de Direito do 5º e 4º ano inauguraram como tradição da Faculdade livre de 1891.

Quarta fase da revista *Ângulos*, no jogo de percepções que este ensaio defende, é precisamente a transição da atividade dos moços já amadurecidos de *Caderno da Bahia* associados aos "grupos de *Ângulos* — se pluralizarmos a expressão de Glauber — FASE 2 e FASE 3, de 1953 a 1960, em direção ao encontro com o que aqui se denomina de "semeadores do *Tropicalismo*". Este encontro se configura, materialmente, no nº 18 da revista, 1965-1966, às vésperas do pelo menos longo, se não tenebroso, silêncio de quinze anos que perdurou até o número comemorativo dos 90 anos da Faculdade, abril de 1981. Glauber mapeou os protagonistas desse encontro.

Correm cinco anos entre o número do tristonho Natal de 1961 (nº 17) e o nº 18, onde meu antigo aluno de Língua e literatura do Colégio da Bahia de 1959, José Romélio Cordeiro e Aquino publica sua tradução de "O futuro da arte", de Ernst Fischer — conferência dita em agosto de 1964, no V Congresso Internacional sobre Hegel, Salzburg, mas só publicada por *La Pensée*, nº 121, de junho de 1965. No colofão da revista se saberá a data desta, novembro de 1966, 20º aniversário da UFBA. A outra das duas traduções ressaltadas por página de rosto e título é de um artigo da *Monthly Review* de fevereiro de 1961, de Paul Baran, "A miséria do intelectual", vertida por Duarte Lago Pacheco. Este escreve uma nota explicativa, breve mas forte (p. 33), onde se lê:

Está na Bíblia: a verdade liberta. E a quem mais do que ao intelectual incumbe o dever

de descobrir e proclamar a verdade?...

...Não estamos tentados a comprar com um silêncio pusilânime uma tranquilidade indigna? Quantos não gostariam de perguntar, como Pilatos, que é a verdade, e depois lavar as mãos? E não são poucos os que se refugiam numa alegada neutralidade científica para escapar à responsabilidade da crítica humanista. Por certo que a leitura do artigo de Baran nos ajudará a compreender que há momentos históricos em que é forçoso tornar-se herói para não deixar de ser intelectual...

Foi em 1965, em Salvador, que desordeiros agrediram Odorico Tavares, Diretor da imprensa *Associada*. E quando Jorge Calmon retorna à Secretaria da Justiça, enquanto Luiz Viana será Ministro da Justiça. O governo federal aprova o Novo Cruzeiro; o Presidente Castello também assina o Ato Institucional nº 2. Um dos Simpósios do programa de Reforma Administrativa, na Bahia, apoia o projeto do Centro Industrial de Aratu. Pinguins são trazidos à praia de Itapoá por correntes das Malvinas ou Falklands. Em novembro o Senador Robert Kennedy passa dois dias em Salvador. Em dezembro surge a ARENA, partido governista. Fim do ano de 1965, ocorre em 19 de janeiro de 1966 o suicídio do pintor Raimundo Oliveira, um dos ilustradores de *Ângulos*, nº 12. Movimentam-se os candidatos à eleição indireta para governador. Em março, 241 prefeitos apoiam Luiz Viana Filho. É presidente da ARENA Antônio Carlos Magalhães. Chegam as primeiras radiofotos de *A Tarde*, enquanto falece, nonagenário, o ex-presidente da República Wenceslau Brás. Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito, Redator-Chefe de *Ângulos*, nº 11, é o novo Chefe do Gabinete Civil de Castello Branco. Antes disso é cassado o mandato do governador paulista Ademar de Barros, um dos principais conspiradores de 64. Em Salvador Jorge Amado autografa, em julho, *Dona Flor e seus Dois Maridos*, enquanto a ponte Ilhéus-Pontal está prestes a inaugurar-se. Instala-se o DESENBANCO. A Assembleia elege governador e o vice Jutahy Magalhães. O povo elege senador o professor de Direito Aloysio de Carvalho Filho. E o Congresso, em Brasília, elege o presidente Costa e Silva. Teremos Constituição nova em 1967. Mas não esqueçamos que em 65 o cineasta Glauber Rocha esteve no Norte, filmando *Amazonas, Amazonas*, e em 66, a convite do governador do Maranhão, então eleito pelo povo, foi a São Luís filmar a posse de José Sarney. Um curioso filme, em que as personagens principais são as famílias necessitadas, os lavradores maranhenses e os pobres favelados ou hospitalizados. Era o Nordeste que impressionava o então jovem produtor, nos seus 27 anos, do filme *Menino de Engenho*.

Como reage a esse quadro histórico a **caixa de ressonância** que sempre foi *Ângulos*? Além das duas traduções já comentadas, a revista usa como epígrafe uma frase de José Martí: "La libertad cuesta muy caro y es necesario o resignarse a vivir sin ella, o decidirse a comprarla por su precio." E seu editorial, sem assinatura, comemora os "quinze anos" desde o primeiro número editado pelo **CARB** daquela que "se destinava a ser **uma verdadeira revista de cultura** para os universitários e intelectuais de nossa terra." Repete a observação de Mário de Andrade, "três lustros depois" de Adalmir e Eduardo Sobral a terem transcrito no primeiro editorial, de 1950, "Questões do Nosso Tempo". Mais quinze linhas deste são fielmente reproduzidas como atuais em 1966, em busca da "consecução de um humanismo novo que realizará melhor os nossos destinos." E acrescenta:

A vida de Ângulos nestes quinze anos equivale, sem exagero, a uma epopeia de determinação, de esforço, de idealismo e de chama interior que na mocidade não se apaga nunca. Nas cidas para ser uma revista semestral, tantos e tamanhos têm sido os obstáculos que se lhe antepõem, que não foi possível guardar a regularidade de aparecimento desejada. De tal sorte... a resistência que, aos quinze anos, em vez de 30 somente pôde apresentar 18 números.

E este 18º número aparece após uma interrupção, na verdade uma latência de 5 anos, para encontrar o Brasil sem autênticas eleições populares, e com suas instituições civis enfraquecidas, quase anuladas; para encontrar...

E por aí segue o texto, desfiando um rosário de queixas e recordando a lição de Tácito (historiador romano falecido no ano 120) "a grande quantidade de leis é prova de um mau governo e da decadência de uma Nação." Conclui:

Mas Ângulos, que é um instrumento de luta da mocidade, não sucumbiu e jamais sucumbirá: antes, surge estuante de vida, neste número, fiel aos seus postulados, os postulados da juventude, vale dizer, do futuro.

A bela capa com uma gravura em preto e branco, e o número 18 sobre quadrado vermelho, é de Juarez Paraíso. O editorial é precedido de outra gravura, triste, mas significativa (uma criança), de Sônia Castro. E uma terceira, de Edizio Coelho (uma família sombria!), antecede a seção **Poesias**. Estas são três, no volume. O bonito "Poema para Henri que Oswald", de Fernando da Rocha Peres; e "Busca da identidade entre o homem e o rio (I) (II) (III)", de José Carlos Capinam:

(... pois o rio não é o que reflete, mas a luta de sua passagem).

...
Para perceber um rio ou homem
há que acompanhar seu curso;

...
é construído

O terceiro poema fecha o volume, uma página antes da indicação, pelo colofão, da equipe de linotipistas e impressores da S.A. Artes Gráficas que compuseram a revista em seu "décimo quinto aniversário" e no "vigésimo" da Universidade. Era Reitor Miguel Calmon Du Pin e Almeida Sobrinho e seu Chefe de Gabinete, precisamente, Zitelmann de Oliva, um amigo de *Ângulos* desde 1950.

Aquele poema final, em "Homenagem ao Poeta", está em espanhol e é de Federico García Lorca. Chora Novã Iorque sob o título "La Aurora", encimado por sentença de Carlos Drummond de Andrade que diz: "aqui estou para depositar vergonha e lágrima."

Mas a revista em geral cumpre os **Estatutos** de 1952. Há os **artigos técnicos**, de Direito ou Economia: "Presupostos da Reforma Constitucional", de Josaphat Marinho; "Capitalismo e Subdesenvolvimento", de Jairo Simões; "Estabilidade Instável", de José Martins Catharino; "Contrato Administrativo e Juízo Arbitral. Inadmissibilidade", de Raymundo da Silva Vasconcelos (provavelmente solicitado por seu sobrinho, Carlos Vasconcelos Domingues, da equipe de direção da revista, com Fernando Schmidt, Elenaldo Teixeira e Wally Dias Salomão); "A problemática penal dos nossos dias", de Marília Maia Muricy; e "Teoria do Direito e Sociologia Jurídica", de Carlos Vasconcelos Domingues. Além dos outros textos já mencionados, os *Contos* são de José Augusto Cabral Barreto ("A Herança do Coronel") e de Sônia Coutinho ("Calor"). Os outros **Artigos**, de letras e artes, são de José Romêlio Aquino, "Notas de Estética"; de Carlos Nelson Coutinho, "Problemas da Literatura Soviética"; de Caetano Veloso, "Primeira Feira de Balanço"; e de Álvaro Guimarães, "Teatro Baiano: Debate". Nas p. 101-2 José Antônio Espinheira e José Augusto Barreto apresentam "Entrevista concedida por Otto Maria Carpeaux".

Wally Salomão, que foi meu aluno no Colégio da Bahia, não escreve no nº 18 de que foi um dos diretores, mas estava ligado a Capinam, a Caetano e a Torquato Neto, o "Anjo Torto" do grupo responsável pelo lançamento, em 1968, do disco-manifesto *Tropicália* ou *Paris et Circensis*. E foi o primeiro editor das 116 páginas de *Os últimos dias de Paupéria* e seu disco compacto (vendidos os cinco mil e exemplares tirados pela Eldorado, em 1973)²⁹, como também

organizou, de Caetano Veloso, *Alegria, Alegria* (Pedra Q Ronca Edições e Produções Artísticas, Rio de Janeiro, s.d.).

Mas o artigo de Álvaro Guimarães, com todas as referências que faz, inclusive ao "Bumba-meu-boi" de José Carlos Capinam; o primeiro poema deste publicado em *Ângulos* (e que não é *Sentinelas*, como ele próprio declarou equívocamente)⁷⁸; e o texto de Caetano Veloso bastam para caracterizar os "semeadores do Tropicalismo", assim chamados aqui. Pela primeira vez *Ângulos* trata de música popular brasileira como expressão forte de poesia, e Caetano ataca o livro do "senhor José Ramos Tinhorão - infelizmente o único a colocar o assunto música popular brasileira em discussão", porque são "artigos históricos". Diz o compositor (nascido em 1939):

Depois da euforia desenvolvimentista (quando todos os mitos do nacionalismo nos habitaram) e das esperanças reformistas (quando chegamos a acreditar que realizaríamos a libertação do Brasil na calma e na paz), vemo-nos acudados numa viela: fala por nós, no mundo, um país que escolheu ser dominado e, ao mesmo tempo, arauto-guardião-mor da dominação da América Latina.... (nº 18, p. 87)

São em 1968, pela Editora Perspectiva de São Paulo, saíria o livro sério de Augusto de Campos, Brasil Rocha Brito, Júlio Medaglia e Gilberto Mendes, *Balanço da Bossa (... e outras Bossas*, a 2ª edição ampliada é que é de 74). Também é de 68 a notável entrevista do cineasta de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), Glauber respondendo a perguntas do saudoso Flávio Costa, com o título "E o Tropicalismo em Transe"³⁰. E de 1973 a conclusão do *Estrutura Social da República das Letras* de Machado Neto (op.cit. na nota 3, p. 231):

...a hipótese geral... os literatos como 'os olímpicos' do primeiro mass media - o jornal. O que são hoje os Sílvio Caldas, os Orlando Silva, os Ciro Monteiro ou os Roberto Carlos, os Caetano Veloso e os Gilberto Gil, aqueles, criaturas do rádio hoje adaptados à televisão e estes, mais moços, já criaturas do vídeo, foram outrora os Machado de Assis, os Coelho Neto, os Olavo Bilac e, depois, os João do Rio, os Figueiredo Pimentel e os Humberto de Campos. Tanto uns como outros inauguraram, entre nós, uma nova profissão surgida das oportunidades criadas pela venda de talentos através de um meio de comunicação... Existiram aquelas antigas vedetes, ou se mo

vem e existem os atuais olímpicos do rádio e TV, constituindo, assim, um sistema simbólico peculiar, através do qual se destacam da sociedade de consumo que os gerou... o profanum vulgus dos admiradores de Caetano Veloso... ou, digo, de... de Olavo Bilac.

Dez anos depois da explosão do passageiro Tropicalismo, em 1978 é que Affonso Romano de Sant'Anna publicou, pela Vozes, Petrópolis, o seu igualmente sério, nada "histórico", *Música Popular e Moderna Poesia Brasileira*. São três anos depois, 1981, - como também lembra Wilson Martins³¹, - é que a ilustre semiologista italiana, discípula de Jakobson que ouvi, impressionado, em palestra feita em Salvador, em 1986, Luciana Stegagno Picchio, observou "com argúcia e autoridade" que "a visão tropical é uma visão de estrangeiro" (*La Littérature Brésilienne*, Paris, 1987). Embora seja da manifestação do movimento da Tropicalia aquela "Jóia":

...inspiração quer dizer: estar cuidadosamente entregue ao projeto de uma música posta contra aqueles que falam em termos de década e esquecem o minuto e o milênio...³²

José Carlos Capinam dedicou à "A Revista *Ângulos* e Minha Geração" uma entrevista em 1981, reiterados alguns pontos desse seu depoimento em entrevista mais recente a Guido Guerra, no encarte *Leitura Especial da Revista do Jornal da Bahia*, edição dominical. Na primeira reconhece que "*Ângulos* significou muito para mim e para minha geração".

Em 1959, quando entrei para a Faculdade de Direito, onde a revista era feita pelo diretório acadêmico, ela já vinha expressando, desde o começo da década, a rebeldia do pessoal jovem diante dos padrões estabelecidos na vida cultural baiana... Não tinha uma temática única, pois publicava artigos sobre direito e ciência política, crítica geral, ensaios, reportagens e textos de poesia e ficção...

...A universidade tinha um papel muito diferente do de hoje...

Em 64, quando fui obrigado por motivos políticos a sair da Bahia, pois eu estava ligado ao CPC (Centro Popular de Cultura), a revista já não existia; me parece que seu último número foi editado por volta de 62...

*Em 60... *Ângulos* refletia essa efervescência e esse clima de liberdade...³³*

Engana-se o compositor de *Soy loco por ti, America*, porque depois da edição do nº 17, de novembro/dezembro de 1961, é que a revista silencia; mas retornará em 65/66 com seu poema, no nº 18.

. FASE V. Depois da **latência** de 15 anos, o "Relançamento" nos 90 anos da Faculdade. 199 e 209 números: 1981 e 1982.

As solenidades do nonagésimo aniversário, em abril de 1981, foram muitas e prestigiadas pelo saudoso Dom Avelar Brandão, Cardeal Vilela, — que celebrou missa na catedral basílica, pelo saudoso Reitor Luís Fernando Macedo Costa e pelo então Presidente do Conselho Federal de Educação e ex-Reitor, professor Lafayette Pondê. Este fez a conferência magna, intitulada "Lição dos 90 anos". Outra sessão importante, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o vice-reitor (Bacharel de 1937, como Pondê o fora de 29) José Calasans Brandão da Silva expôs sobre "A Primeira Congregação da Faculdade". No dia 23 de abril lançou-se o já citado volume comemorativo, *Revercor* (v. nota nº 36). Era uma Faculdade de 1.350 alunos (foram 56 em 1891), graduando, por semestre, de 100 a 120 Bacharéis em Direito. No dia 5 de maio de 1981 — confirma os jornais da ocasião (ver programa em *A Tarde* de 15 de abril) — o Diretório Acadêmico, DARB, lançava o "número especial de relançamento de *Ângulos*", em "homenagem aos 90 anos da Faculdade". Dias antes, um "calouro de 1934", Josaphat Marinho, publicava artigo sobre "Uma Instituição Modelar" (*A Tarde*, 24/5/81) e um "calouro" de 1940, Raul Chaves — de saudosa memória, escrevia "Ainda Faculdade Livre...", artigo em *A Tarde*, 23/5/81. O mesmo jornal, fundado — como vimos — pelo Bacharel de 1907 Simões Filho, publicaria, em 15 de agosto de 83, o artigo de um calouro de 1979, Bacharel de 83, Raimundo Marinho, sob o título "Esperança de Justiça", no qual se lê (p. 13):

...O período histórico do curso, iniciado em 1979, foi um dos mais turbulentos e incertos na vida do Brasil, pelo menos para a minha geração, nascida praticamente às vésperas de 1964.... No campo político, um general, presidente Figueiredo, jurava perante os brasileiros fazer deste país uma democracia....

Este moço de então 23 anos era **terceiranista** em 5 de maio de 1981, data do **Editorial** do décimo nono número de *Ângulos*, assinado pelo DARB. Esse texto começa assim:

Como se fosse o dia clareando depois de uma

noite tenebrosa e prolongada em 17 anos de ditadura, vai se esboçando em nosso país a possibilidade da luta aberta e diurna pela liberdade e democracia...

Fala do "eufemismo da abertura **golberyana**" e conclui "reivindicando" a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte. Publica-se em seguida o soneto "A Nova Congregação", que foi recitado por seu autor Alexandre Fernandes na sessão de instalação da Faculdade, em 5 de abril de 1891.

A capa da revista mostra uma fechadura sobre muro de tijolos à vista: é de Walter Passos. Os textos estão impressos em mimeógrafo à tinta. E o primeiro artigo, depois do editorial e do soneto de 90 anos, é de Jairo Simões sobre "O estudante de Direito nos anos 50". Alude à participação do diretório, então CARB, na vida universitária, e à política da esquerda e da direita. Jairo Simões publicara em 1979, Edição Estuário, um livro de recordações sob título *Crônicas de Jota Ponto*, seu pseudônimo da fase acadêmica, prefaciado por Marcelo Duarte. Desse modo, comemoravam ambos o jubileu de prata da turma de Bacharéis em Direito de 1954, quando *Ângulos* já estava no nº 8.

O segundo texto comenta sobre o DARB e sua participação na vida universitária, aos 49 anos de criação daquele "centro de estudos" de 1932. Notícia-se sobre "Escritório Modelo", para o que há uma comissão dos professores Amir Bastos, Calmon de Passos, Fernando Schmidt representando a OAB e três estudantes. Um texto do mesmo Fernando Schmidt trata de "Operação Lebre". A professora Marília Muricy Machado Pinto escreve sobre "Imagens do Jurista". A estudante Maria Augusta Lima de Souza, do colegiado dirigente do DARB e da revista, assina artigo sobre "Nós, as Mulheres". Ela fazia parte, também, de uma "Comissão de Formandos em Direito do 1º Semestre de 1981" que organizou e realizou, de 15 a 19 de junho desse ano, um seminário sobre "Em presa: uma Complexidade de Fatores", cujos palestrantes foram os professores de Direito José Martins Catharino e Sylvio Faria; de Economia Jairo Simões; e de Administração João Eurico Matta, os três últimos autores costumazes das edições de *Ângulos*, anos 50 e 60.

Reproduz-se na revista um artigo de Cid Teixeira, historiador, mas Bacharel de 1948, publicado no *Jornal da Bahia* de 17 de abril de 1981 sob o título "Antigamente, a Escola". Segue-se um desenho que precede um artigo, "Em direção a uma nova e democrática política cultural", com epígrafe de Luiz Werneck Vianna. Alex Gazineo escreve sobre "Teatro: aqui e agora". A seguir se reproduz o artigo "Cinema Novo", de Glauber Rocha, publicado no nº 17. E se fecha a revista comentando o "Circuito Universitário de Cinema".

Alexandre Gazineo é o Secretário de Cultura do

DARB, sendo Presidente Paulo Sérgio Borges Pereira quando se publica, em fotolito, *Ângulos* nº 2, Ano 2, 1982, desse modo identificada. Seu editorial, apenas de apresentação, não é assinado. O professor Arx Tourinho abre a revista com um tocante artigo, "Retrospecto", sobre como foi a vida universitária de 1966 a 1970, período que corresponde ao de seu ingresso, percurso e formatura. Um dos editores, o próprio Paulo Sérgio Pereira, escreve sobre "A Universidade". Há uma entrevista com o professor Roberto Santos, então candidato ao governo do Estado que já governara de 1975 a 1979. São entrevistadores, em nome do DARB, Paulo Sérgio, Luís Walter Coelho e Aldo Cunha Júnior.

O texto técnico da revista é da professora Maria Muricy, assinado no final: "Direito Subjetivo e Intereses Coletivos." Há uma entrevista com o professor Auto José de Castro, recém-aposentado; são entrevistadores Ivan Brandi, o poeta premiado pela UFBA em 1980; e mais Alexandre Gazinac e Aldo Cunha. Entre parênteses, o prêmio do curso de poesia concedido a Ivan Brandi foi por seu livro *A invenção da memória* (UFBA, Extensão, 1982), apresentado pelo então Adjunto do Reitor para Assuntos de Extensão, Fernando da Rocha Peres.

A seção de Literatura é confiada a Ivan Brandi, que publica um estudo sobre a famosa peça de Sartre: *A 'Prostituta'* (a "respeitosa") — que vi, no palco do antigo Guarany, hoje Cinema Glauber Rocha, com Maria Della Costa, faz trinta anos. Depois, Guido André Araújo avalia a "Profana Cultura Brasileira". Um poema de Marco Aurélio é "A Ponte", seguido da prosa de Aldo Cunha Júnior, "Escravo, sim senhora".

Na seção Arte Paulo Moreno Carvalho enfatiza a importância do teatro em "Uma nova proposta — *Ângulos*". Rita Sanches se dedica à vanguarda da música popular brasileira, num artigo sobre a cantora "Marina — Uma retomada de Consciência Musical do jovem universitário". Faz-se alusão à Banda Pinel e seu *show* de janeiro, 1982, com Marina e grito de Carnaval. Há duas fotos desse espetáculo.

Ressai, também, uma foto dramática, expressiva, de Glauber Rocha, acompanhada de homenagem póstuma (lê-se, entre parênteses, 14/3/38 - 22/8/81) através de um poema de Guido André Araújo intitulado "Ao Maior Kyneasta Brasileiro".

A revista termina com duas páginas de *cartoon* de Valdenberg, um ridiculizando o chamado "cri-cri" da Rede Globo de Televisão e o outro dando igual tratamento humorístico ao Ministério do governo Figueiredo: os Ministros aparecem montando um "barquinho dentro de garrafa!!!".

Supondo-se "Ano 2, nº 2", sem data nem mês, sem colofão, mas com o registro visível de 1982, a vigésima re-

vista de estudantes de Direito da Bahia com o nome *Ângulos* teve ali sua terceira morte. Ou, melhor dizendo, começa naquele ano sua terceira latência, seu terceiro silêncio, só no ou repouso. O primeiro silêncio durou do nº 17 (nov. - dez. 1961) até o nº 18 (composto em novembro de 1966): foram cinco anos. O segundo perdurou por quinze anos, de novembro de 66 a maio de 1981. A terceira e nova latência começa em 1982. É "morrer, dormir, nada mais" — está na flexão universal de Shakespeare e seu Hamlet: "to die, to sleep, no more...". Mas é também "talvez sonhar" — "per-chance to dream".

Final, já que estamos no campo da *meditatio mortis* e da *meditatio vitae* — meditação da morte e vida, Severina, — não parece um sonho de idéias e palavras que o Salmo 46 do pastor David, na tradução inglesa de 1611, "comumente conhecida como a versão do Rei Jaime", da *Santa Bíblia*,

translated out of the original tongues and with the former translations diligently compared and revised

set forth in 1611

and commonly known as the King James version,

apresente como 46a palavra, contando a partir da primeira do versículo 1, o verbo *shake* (vibrar, sacudir); e apresente como 46a palavra, de trás pra frente, a contar da última palavra do versículo 11, excluída a misteriosa palavra hebraica *Selah*³⁴, o substantivo *spear* (lança). Ali está o nome de Shakespear — acreditem, se quiserem, aliás a fonte da informação é o popular *Ripley's Believe it Or Not*. E dois redatores de *Ângulos*, que estão mortos, Machado Neto há 10 anos (foi-se aos 47), e Glauber Rocha há 5 anos (foi-se aos 43), dedicaram boa parte de suas vidas a sonhos que estão vivos.

É o filho Frederico Machado Neto, publicando na *Tribuna da Bahia* de 27 de julho de 1987 o artigo "Machado Neto, meu pai", quem lembra que este considerava seu período em Brasília, ajudando a montar no planalto central a UNB, o da busca da "universidade dos nossos sonhos". E cita a "44a Verdade Básica" que seu pai enunciou, entre as que enumerou para um "Cógito do Social"³⁴:

A MORTE É QUE DÁ SIGNIFICAÇÃO A NOSSAS VIDAS, POIS SE OS NOSSOS MINUTOS SÃO CONTADOS E EU NÃO SEI A CONTA, HÁ QUE JUSTIFICAR QUALQUER USO DELES.

Frederico, um Bacharel advogado de um pai Bacharel que nunca advogou. Zahidê, também formada na Faculdade de Direito da Bahia de 1891, ainda estava viva em 1979 para escrever no livro de homenagem póstuma a seu marido. Ali

de a seu "Diário", onde Machado Neto fazia suas confidências a si mesmo: é o menino de 19 anos revelando seu fascínio pelo "diálogo... invenção grega... das palavras mais belas" (*Diário*, 28.12.49); é o rapaz de 22 anos registrando sua amizade e gratidão ao amigo e colega de turma Adalmir da Cunha Miranda (ver as recordações de Zahidê, p.49 daquele livro). Por toda a sua vida, diz ela, Machado teve "horror à intolerância e aos sectarismos" (p.48). Quando surgiu a oportunidade de publicar em *Ângulos* (publicar é "um ato de humildade", dizia ele), "em meio ao sopro de esperança" que vinha do pós-Constituição de 1946, e muito fiel aos ideais de sua "turma de 1953", Machado Neto percebeu que "a revista do CARB, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, se constituía numa vanguarda na relativamente modorrenta vida intelectual baiana." Era setembro de 1950 (cfr. p. 46 a 48 do texto de Zahidê): a "geração de *Ângulos*" — escreve ela — "implicada" com/ e "embalada" por/ a geração dos *Cadernos da Bahia*, "foi a seu modo descobridora da Bahia e precursora de muitas coisas."

Observem-se, agora, certos ângulos, tomadas ou flashes da curta, mas tão intensa vida de Glauber Rocha, exatamente no interesse de melhor compreender as lições da revista *Ângulos* no conjunto de seus vinte números, nesses 37 anos.

6 A NOVA LATÊNCIA E FIM DESTA MEMÓRIA

Em 1960, o autor de *A História do Cinema vista da Província*, o Bacharel de 1935 — ano de meu nascimento — Walter da Silveira publicava na edição especial de 29 aniversário do *Jornal da Bahia* de João Falcão, Zitelmann de Oliva, João Carlos Teixeira Gomes (e Milton Cayres de Brito) um artigo profético sob o título "Dois anos de cinema na Bahia". Começa assim:

Em setembro de 1958, se uma pessoa quisesse escrever sobre o cinema na Bahia, não acharia mais que três assuntos: a pequena filmografia de Robatto Filho, o trabalho irregular de Leão Rosenberg, a insistente campanha do Clube de Cinema pelo reconhecimento do filme como expressão de cultura...

Em setembro de 60, muito diferente é a situação...

Depois de *Redenção* furar o bloqueio dos mercados do sul do País, uma outra longa metragem vai ser produzida, aliás co-produzida: *Barravento*. Através dela... dois jovens cineastas: Glauber Rocha e Luiz Paulino. O primeiro não será mais que um gerente de produ-

ção de *Barravento*, enquanto o segundo, autor do argumento, se encarregará da *mise-en-scene*. Ambos vêm da curta metragem, Glauber — autor de um audacioso filme experimental em 1959, *Pátio*. Paulino documentou em *Rampa do Mercado*...

Walter resolve aguardar para "ver" se os dois serão "capazes de confirmar o talento anunciado". Formula votos de sucesso, e todos saberão depois que Glauber se desentendeu com Luiz Paulino e terminou dirigindo *Barravento* no Rio de Janeiro, ao lado de seu amigo Nelson Pereira dos Santos. Mas o importante aqui é a profecia de Walter, autor de *Ângulos* 12 em torno de Charles Chaplin, e seu curioso diálogo com Glauber, que podemos restaurar, aqui. Walter da Silveira diz, naquele artigo do ano em que Glauber deixou definitivamente a Faculdade de Direito e sua primeira esposa Helena (1960):

Se (os dois jovens cineastas) fracassarem, terá fracassado, sobretudo no primeiro (Glauber), a confiança que se tem na nova geração. Porque em Glauber Rocha se pressente, ao mesmo tempo com base na agressiva determinação de defender e fazer cinema nacional, uma das mais fecundas personalidades adolescentes do país. É uma espécie de François Truffaut ou Jean-Luc Godard brasileiro, ainda mais jovem do que os franceses que, partindo da crítica ou nela permanecendo, chegaram à realização cinematográfica. Havendo estudado a arte do filme com paixão, quer nos livros, quer nos clássicos exibidos pelo Clube de Cinema, es se inquieto balanço não chegará talvez a uma das maiores figuras nacionais no campo do filme se não domar os ímpetos narcisistas que tanto comprometem às vezes sua inteligência. Cumprindo a vocação até agora muito mais pelos artigos que escreve — injustos quase sempre, continuamente sinceros, porém — Glauber Rocha tem razão quando reclama pressão para o desenvolvimento do cinema na Bahia... É uma insistência patriótica, e também de defesa regional...

... [Se] *Bahia de Todos os Santos*, ... trabalho perseverante (do) paulista Trigueirinho Neto... e *Barravento*... forem sucesso, ter-se-á inaugurado o terceiro episódio da história cinematográfica da Bahia: aquele dos filmes com temas de nosso povo, destinados à admiração de todos os povos...

Na autobiografia que escreveu em 1962, Glauber escreveu:

... Talvez mais tarde eu dirija. Aí, será um filme de cangaceiros, sobre a vida do bandido Corisco, aproveitando as lições do diretor que mais admiro: John Ford. Com suas lições, posso, talvez, refletir a vida do nosso destino miserável, entre cangaços, beatos e polícia. Temos uma literatura sobre isto e podemos fazer um cinema deste gênero. Coisa mais profunda socialmente que *O Cangaceiro*, que, além da bela forma, prima apenas pelo exotismo...

Em 64 saíria *Deus e o Diabo*... com, inclusive, aquele belíssimo cartaz concebido por Rogério Duarte, reproduzido pela *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, Rio, 1972, p.1397. Mas Glauber prossegue, em 1962, com premonições do que seria parte do grande romance de seu amigo João Ubaldo Ribeiro, *Viva o Povo Brasileiro*, 22 anos mais tarde (afinal, não esquecer que Ubaldo conversa, na Ilha de Itaparica, com a visitante "alminha" de seu bom amigo Glauber), e revelando com caráter seu próprio caráter:

... E gostaria, no futuro, de filmar *A Invasão Holandesa*, com todo o estouro de *cine mascope* e cores. Como crítico, eu sou confuso e mudo de opinião. Aprendi com a vida a ser uma pessoa sem preconceitos. Com isso vou na base da "dialética" e mudo os conceitos. Mas sou sincero comigo mesmo e costumo reparar as injustiças. Sou reconhecido aos amigos que me ajudaram e tenho certeza de que não peço por ingratidão. Tenho meus erros: sou nervoso e precipitado, e por isso de vez em quando dou cabeçadas.

Walter da Silveira estava no Festival de Karlovy-Vary, na Tchecoslováquia, em 1962, quando *Barravento* ganhou o prêmio internacional *Opera Prima*. Pôde acompanhar o crescimento da fama internacional de Glauber através de *Deus e o Diabo*, 64; *Terra em Transe*, 67 — o mais premiado e o mais discutido; o também muito galardoado *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, 69; e a produção de *Brasil, ano 2.000*, da irmã querida Anecy Rocha, filme dirigido pelo marido dela, Walter Lima Jr. Mas Walter da Silveira faleceu em novembro de 1970, quando Glauber estivera na África filmando *Der Leone has sept cabezas* e em Barcelona, filmando *Cabezas Cortadas*. Já estava, porém, confirmada sua profecia de setembro de 1960.

É naturalmente posterior ao seu *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, livro de 1963, o notável artigo de Glauber sobre "Cinema Verdade 65" como sua entrevista aos *Cahiers du Cinéma 69*, reproduzidos no livro *Revolução do Cinema Novo* (1981). O que Walter não pôde ler, porque de após sua morte, foi o texto de Glauber, assinado na *Columbia University, New York*, janeiro de 1971, por ele intitulado "Eztetyka do Sonho 71", p. 217-21 do último livro, o de ele, aludindo a *Terra em Transe*, 1966, como um "manifesto prático" da estética da fome, diz:

Entre a repressão interna e a repercussão internacional aprendi a melhor lição: o artista deve manter sua liberdade diante de qualquer circunstância. (p. 218)

Em outra ocasião Glauber já tinha expresso essa idéia, que é da essência do espírito da revista *Ângulos*, não é propriedade dela — é claro: "Minha guerra é contra isto: a intolerância, os preconceitos, a demagogia" (cfr. *Pensamen to vivo*, cit., p.77). E já tinha respondido ao conselho de Walter, de 1960, sobre "ímpetos narcisistas", declarando, sem explicitar aquele:

Sempre fiz questão de me desmistificar inteiramente, indo contra todos os tipos de paternalismo. Considero o estrelismo uma atividade doente, que oprime o público e exerce uma função paralisante na sociedade. (idem, 71)

Isto, sem prejuízo do que ele próprio chamou de "cinema de autor" e cujo personalismo, no sentido de uma pessoa acreditar que interpreta aflições e aspirações de uma coletividade, fez Caetano Veloso (... fala de Glauber), num livro de 1982, após a morte deste³⁵, dizer:

O Zé Celso, quando montou *O Rei da Vela*, deitou ao Glauber, por causa de *Terra em Transe*, como se (este) tivesse dado pra ele a chave do que ele estava querendo. (...). O filme trazia toda essa... quase que uma coisa assim trágica... porque está lá o poeta e que quer ter uma participação política... Isso não é o importante, o importante é que o filme fala sobre isso mas o que acontece é que Glauber fazendo um filme é ele que é a pessoa, o poeta que quer ter uma participação na sociedade, quer influenciar, quer resolver os problemas da sociedade. Quer enfim, de uma certa forma, salvar o mundo. ...Quer dizer, depois de *Terra em Transe* foi muito

fácil todo mundo compreender que o programa do Chacrinha era muito bonito como representação do visual brasileiro, está entendendo?... Então toda coisa que se chama Trópico picalismo em música, todo esse negócio, é muito vinculado a Terra em Transe. E Glauber sabe disso...

E então Caetano Veloso, em virtude de *O Dragão da Maldade* lhe ter causado "um pouco de dificuldade entre mim e o cinema de Glauber, um pouco, entendeu?", opina que "ele não tinha vocação pra cineasta"... "A inspiração tradicional dele talvez fosse mais para a literatura, você entendeu?"

Poeta, cineasta ou romancista de *Riverão Sussurra*, o humanista Glauber Rocha foi um aglutinador de pessoas e grupos e gerações, por sua arte de colaborar, de ajudar, de ser grato, de ser generoso, — mesmo sendo "nervoso e precipitado" — como ele disse de si mesmo, tantos anos antes de seu programa *Abertura*, na televisão; mesmo "dando suas cabeçadas". Vejam como ele trata as cinco apresentações das *Jogralescas*, onde sua saudosa irmã Anecyr Rocha recitava o poema "Mapa", de Murilo Mendes. Lê-se no último livro, do ano de sua morte:

Em 1955 o poeta Fernando da Rocha Peres teve a ideia de teatralizar poemas... (p.244)

Fernando, Carlos Anísio e Paulo Gil colocaram um repertório antológico da poesia brasileira e latino-americana a partir de Lorca a João Cabral de Mello Neto... (p.248)

... Calã, cenógrafo das *Jogralescas*... (p.276)

Oswald de Andrade esteve ausente dos 5 espetáculos realizados durante dois anos, com interrupções provocadas pela Censura Katolyka representada pela professora Dalva Matos, movimento de protesto nacional dos intelectuais arregimentados pelo crítico Adalmar da Cunha Miranda, consagração crítica baiana dos professores Pedro Moacyr Maia, Hernani Cidade, A.L. Machado Neto, Ruy Simões, Antônio de Barros e críticos José Valladares, Clarival do Prado Valladares, Walter da Silveira, João Eurico Matta, João Gaspar Simões, consagração estudantil, setores da classe média e vanguardas da burguesia, encontro político com o Teatro de Arena que excursiona na Bahia e denúncia no discurso de Gianfrancesco Guarnieri

niery contra o caráter Fascyza da Censura... (p.248)

... a Faculdade de Direito... o grupo *Ângulos*... Nemésio, Noênio, David Salles, Sônia Coutinho... João Ubaldo... (p.371)... Florisvaldo Matos... Joca... (p.370)...

E terminamos aqui, em Salvador da Bahia, da Universidade Federal, da Faculdade de Direito, do Centro Acadêmico Ruy Barbosa e sua revista cultural, *Ângulos*. Esta terá sido como aquela bola de futebol, uma caixa de ressonância, posta no centro do gramado de um estádio principal, como aquele ocasionalmente de Madrid, durante a Copa mundial de Espanha, campeonato de 1982. Com essa bola se fez um vídeo de apelo turístico, na televisão via satélite. Ela foi o objeto e a mira central de um envolvente efeito visual, em desenho animado pelo computador: um vertiginoso mergulho de lente zoom, a partir de uma visão panorâmica do globo azul-terraqueio, a "astronave" terra.

Era verão na Espanha, na Copa de 82. O vigésimo número de *Ângulos*, nesse mesmo ano, foi lançado pelos estudantes de Direito baianos, não sabemos em que estação. Mas a revista nasceu em setembro de 1950: era, pois, primavera no Brasil e na Bahia. Um Bacharel baiano de 1913, poeta simbolista maior redescoberto em São Paulo nos anos 70, Pedro Kilkerry, gostava, como epígrafe para um festival de arte, dos versos de um poeta italiano que dizia: "Primavera, mo cidade do tempo; mocidade, primavera da vida!".

Os textos, técnicos e literários, bem como as ilustrações de arte publicados por *Ângulos*, de 1950 a 1982, por si mesmos revelam o vigor primaveril daquela caixa de ressonância de várias gerações. Mesmo que os moços e as moças que lhes dão luz, imagem e som admitam, vez por outra, latência, sono e sonho.

NOTAS

- 1 COSTA, Adroaldo Ribeiro. "Os Anos Fulgurantes". *A Tarde*. 02.03.83.
- 2 Desde 1891 até 1904 a Faculdade Livre de Direito da Bahia produziu quatorze memórias históricas, redigidas por eminentes professores. E publicou de 1893 a 1917 seis números de uma pioneira Revista cujas edições se interromperam em 1917. Foram dois números em 1893, Ano I do periódico; em 1897 saiu o nº 3; 1910, nº 4; 1915, nº 5 — este considerado o Ano 4 da revista; e o nº 6 é de 1917. A partir de 1932 até 1961 a Faculdade voltou a publicar sua Revista, em volumes que vão do nº 7 ao nº 34, este correspondendo ao triênio 1959-1961 e já identificado como fascículo X dos ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE DA BAHIA.
- 3 NETO, A.L.Machado. *Da vigência intelectual (Um estudo de Sociologia das Idéias)*. São Paulo, Editora da USP e Editorial Grijalbo, 1968; e *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira, 1870-1930)*. *Idem*, 1973.
- 4 CAMPOS, Augusto de. *ReVisão de Kilkerry*. São Paulo, Brasiliense, 1985; e MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: "Homens e Obras"*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. Ver também Waldemar Mattos, "Carlos Chiacchio, o Grande Incentivador". *A Tarde*. 04.07.84.
- 5 Verificar *Arco & Flexa*. Ed. fac-similar. 1928/1929. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978; e TEIXEIRA GOMES, João Carlos, *Camões contestador e outros ensaios*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. Parte Segunda, p.165 segs.
- 6 Os dois discursos estão reproduzidos na *Revista da Faculdade de Direito da Bahia*. V.7 (1932). p.153-4.
- 7 O depoimento de Jorge Amado, entre outros, está em Valdomiro Santana, *Literatura Baiana, 1920-1980. Depoimentos*. Rio, Philobiblion Livros de Arte Ltda., 1986.
- 8 "Minha Faculdade: ontem e hoje", artigo de Nelson de Souza Sampaio na *Revista da Faculdade de Direito*. V.34 (1959-1961), fasc. X dos Arquivos da Universidade da Bahia. p.325 segs.
- 9 Entre tantos depoimentos publicados, veja-se "Dever e Perseverança", de Isaías Alves (agradecimento na homenagem da Faculdade de Filosofia pelo lançamento do livro Dante, educador do milênio), *A Tarde*, 18.11.64, rodapé da p.4; e, de um aluno da primeira turma, José Newton Alves de Sousa, "Recordando", in página Cultural do *Diário Oficial do Estado*, Bahia, 31.07.85, p.4.
- 10 MANGABEIRA, João. *A Oração do Paraninfo*. Ed. fac-similar com Apresentação de Orlando Gomes. Salvador, UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1984.
- 11 FALCÃO, João da Costa. *Memórias inéditas*. Ainda sem título, xerocópia emprestada ao autor.
- 12 *RFDB*. V.22 (1947). p.14.
- 13 *Id.* V.24 (1949). p.164.
- 14 *Ruy e os novos rumos do Direito*. Oração oficial do orador da turma de Bacharéis em Direito de 1949, Francisco Waldir Pires de Souza. Imprensa Oficial da Bahia, 1949, p.17.
- 15 Citado por José Augusto Berbert de Castro. *A Tarde*. Ed especial dos 70 anos, 12.10.82.
- 16 NETO, A.L.Machado. "Discurso de Posse". *Revista da Academia de Letras da Bahia*. V.XXIII, Salvador, Bahia, 1973/1974. p.102-3.
- 17 MATTOS, Florisvaldo. "A geração de Glauber". In: SANTANA, Valdomiro. *Literatura Baiana, 1920-1980*, cit. p. 50-1.
- 18 *V. Estatutos no Guia da Faculdade de Direito*, cit. na nota nº 2, p.199-220.
- 19 Se o critério para a fixação do ANO das edições de Ângulos foi o do mandato de cada Diretoria do Centro Acadêmico Ruy Barbosa, há um equívoco na indicação de Ano V para o nº 8 da revista, que deve ainda ser do Ano IV. Esse erro repercute nos N.ºs. 9, 10 e 11, mas Glauber Rocha tenta corrigir ao indicar o ANO VII para o nº 12. O mesmo equívoco se repetirá nos nºs. 15 e 17.
- 20 Segundo o Relatório do Diretor Nelson Sampaio (*RFDB*, V. 34, p.395), "durante a maior parte do ano de 1961" o CARB foi presidido por Edvaldo Pereira de Brito.
- 21 A primeira parte do depoimento, — gravado, entre outros, em função de um projeto de 1980, da então Diretora do Departamento de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Myriam Fraga, — foi lida em novembro de 1981, na Academia de Letras da Bahia, e aparece publicada pela primeira vez em *A Tarde* de 17 de janeiro de 1982. Reaparece com mais um parágrafo (referente a dois editores que participaram do movimento, o beneditino D. Rafael Wecker e Zitelmann de Oliveira) na *Revista da Academia de Letras*, nº 31 (dezembro 1983), p.77-82. O rico depoimento aparece na íntegra da gravação em fita no já citado *Literatura Baiana*, organizado por Valdomiro Santana, 1986.

- 22 Veja-se de Antônio Celestino "A Galeria Oxumaré" e a pressa do Tempo", em sua seção Pátio das Artes, A Tarde, 15.08.82, p.3. Nesta, em duas fotos da época (1952), aparecem Jean Louis Barrault, Odorico Tavares, Carlos Eduardo da Rocha e seu irmão, jornalista José Olympio da Rocha; o outro irmão, poeta Wilson Rocha aparece com Adalmir da Cunha Miranda, Zitelmann de Oliva e sua esposa Lygia, e Pedro Moacyr Maia (só um dos irmãos Rocha não está nas fotos). Sobre o "Passeio Público", nos jardins do Palácio da Aclamação, a Galeria de Arte Oxumaré e a Rádio Sociedade da Bahia, veja-se o texto de José Olympio da Rocha, "Um passeio que tem história", Tríbuna da Bahia, 11.07.87, "Variedades", p.1.
- 23 AMADO, Jorge. "Revistas e Movimentos Literários". Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 34 (janeiro 1987), p.6-7. Para o que Jorge Amado chama de "a batalha da arte moderna na Bahia", veja-se, por exemplo, pelo sabor histórico, o artigo de Vasconcelos Maia, "Em Roma e Paris o pintor baiano Rubem Valentim", A Tarde, 07.08.65; como também, de Carlos Eduardo da Rocha, "Sofri mento, fama e glória de várias gerações de artistas", Jornal da Bahia, 30.12.77 (ao ensejo da exposição de 400 trabalhos no Solar do Unhão, "Um século de arte na Bahia", e do centenário - 1877-1977 - da Escola de Belas Artes); e vários dos numerosíssimos (e já contados) artigos do Pátio das Artes, seção de Samuel Celestino em A Tarde, especialmente a série "Os Santos da Casa", como "Mário Cravo-I e II" (março 83); "Carlos Bastos-I e II" (fevereiro 83); "Genaro de Carvalho"; "Carybé-I e II" (março 83); "Calasans Neto-I e II" (dezembro 82, janeiro 83). Também a reportagem "Dom Carlos Bastos" da Bahia (40 anos de pintura). A Tarde, 28.11.85; e neste mesmo jornal artigos sobre Raimundo Oliveira, como o de Junot Silveira, "A Via-Crucis do pintor", de 1976, ou "Lembrança Pessoal", de Germano Machado, de 1986 (A Tarde, 18.01.86).
- 24 Id. "Revistas e Movimentos Literários", Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 34 (janeiro 1987), p.7. Ver, também, nesse mesmo número, p.205 ss., Wilson Rocha sobre "A forma plástica e os símbolos do Nordeste na pintura de Sante Scaldaferrì". É a geração dos Cadernos da Bahia que transitou por Ângulos, falando da geração de Mapa. E sobre significativos autores daquelas "Revistas e Movimentos Literários" de que fala Jorge Amado, ver Cláudio Veiga. Prosadores e Poetas na Bahia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986.
- 25 NETO, A.L.Machado. "Carlos Cossio", RFDB, V.34 cit. p. 292-3.
- 26 Carlos Cossio, Julián Mariñas, Miguel Reale, Carlos Costa, Antônio Paim, Zahidê Machado Neto, Luzinete Simões, Marília Muricy Machado Pinto, J.J. Calmon de Passos, Cândido Mendes, Carlos Frederico Torres Machado. Machado Neto. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1979. Quem recorda a frase integral de Ortega sobre "yo soy yo y mi circunstancia" é seu discípulo Julián Mariñas, nesse volume de requiem literário, p.28.
- 27 RFDB. V.34, cit., p.396.
- 28 Em "Uma Baiana Introspectiva e Observadora", apresentação de Sônia Coutinho, O último verão de Copacabana. Rio, J.Olympio, 1985, p.VII.
- 29 Dez anos depois do suicídio de Torquato Neto saiu a nova edição, revista (e muito ampliada - 440 páginas) por sua viúva, de Os Últimos Dias de Paupéria (Rio, Editora Max Limonad, 1982). D. Ana Maria Silva de Araújo Duarte, a viúva, é baiana. Pelo décimo ano da morte do jovem escritor o crítico do Jornal do Brasil, Tarik de Souza, escreveu o artigo "A Volta do Anjo Torto", reproduzido no Jornal da Bahia de 10.11.82, p.2 do 2º Caderno.
- 30 A admirável entrevista de página inteira, com foto de Glauber com Orlando Senna e Ariovaldo Mattos, está no Jornal da Bahia de 05 e 06.05.68, p.1 do Caderno 3. É interessante que em setembro de 67, ocasião da Noite da Jovem Poesia Baiana, uma comparação desta com as Jogra lescas, feita por João Carlos Teixeira Gomes, tenha gerado bonita polêmica nos jornais da terra. Ver, a propósito, de João Carlos Teixeira Gomes, nos seus 31 anos, "De Poesia e Teatro ou no Palco das Vaidades", Jornal da Bahia, 24 e 25.09.67. Orlando Senna estava em foco.
- 31 Ver Wilson Martins, "45, 65, 85", Jornal do Brasil, 18.05.86, Caderno B, p.11. Os demais artigos, dos três com o mesmo título, estão nas edições do Caderno B - Especial do JB de 18 e 25.05.86. Ver também Affonso Romano de Sant'Anna, "Alô, ano 2.000. Aqui fala o século XX. O fendida, censurada, a cultura ainda assim deu um salto por cima", na revista Senhor, 4.04.1984, p.52 e segs.
- 32 VELOSO, Caetano. Literatura Comentada (sel. de textos, etc. por Paulo Franchetti e Alcyr Pécora), Abril Educação, s.d., p.6. Um artigo de James Amado, "Vozes fora de tom", publicado na página de Letras que ainda havia em A Tarde de 22.05.71, p.14, faz uma conexão muito interessante entre Pedro Kilkerry, o poeta Bacharel de 1913 redescoberto por Augusto de Campos e Caetano Veloso, o próprio Augusto de Campos também elogiava co-

- 33 Está nas p. 59-60 e segs. de Valdomiro Santana, op.cit., o depoimento de 1981. A entrevista ao escritor Guido Guerra está no encarte **Leitura Especial** do *Jornal da Bahia*, jul.87.
- 34 Miguel Reale, escrevendo sobre "Liberdade e participação" (p. 29-34) e Antônio Paim (p. 41-3), em homenagem no citado *requiem* literário à memória de Machado Neto, fazem muito bem salientando a importância das pesquisas — de seus últimos dias — daquele "cronista de idéias" baiano: seu projeto **husserliano** de uma **eidética do social**. Ver, de Machado Neto, *Dois Estudos de Eidética Social*. Salvador, UFBA, 1975.
- 35 GERBER, Raquel. *O Mito da Civilização Atlântida*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 36 Vários autores. *Revereor*. Estudos jurídicos em homenagem à Faculdade de Direito da Bahia, 1891-1981. Saraiva S/A Livrários Editores, 1981. p.VIII segs. Ver também Universidade da Bahia. *Guia da Faculdade de Direito*. Bahia, 1955; Universidade da Bahia. **Faculdade de Direito. Sede nova**. 1891-1961; e Faculdade de Direito. *Contribuição à Bibliografia Jurídica Nacional — 1891-1975*. UFBA, Salvador, 1976.

ÍNDICE GERAL DE COLABORADORES DE ÂNGULOS

ÍNDICE GERAL DE COLABORADORES DE ÂNGULOS

Nº 1(1), set. 1950 a Nº 18, 1965/66; Nova sér., nº espec., 1981 a 2(2), s.d.

- AGUIAR, Jorge**
- O realismo na obra de Balzac 49/50
- ALBIANI, Mário**
- Discurso: comemoração do dia do magistrado no Forum Ruy Barbosa 12 144/146
- ALEXANDRE, Vicente**
- Antologia de poesia (Espanha) 6 27/28
- ANDRADE, Antonio Cabral de**
- Caracterização do comunismo e do socialismo 11 47/61
- "Necessidade de uma sucinta exposição do Marxismo" 12 57/72
- ANDRADE, Carlos Alberto Reis de**
- Declínio e desvalorização do Direito (discurso) pronunciado em 11.8.55 na inauguração da Sema na do Estudante de Direito. 9 67/70
- AQUINO, José Romêlio**
- Notas de estética 8 67/72
- ARAÚJO, Guido André**
- Ao maior kyneasta brasyleiro (nova ser.) 2 83
- Profana cultura brasileira (" ") 2 43/45
- AYRES, Maria Elizabeth T. Junqueira**
- Da pena; sua evolução e sua finalidade no Direito penal 6 34/39
- BANDEIRA, Moniz**
- Um canto para Trotsky (poesia) 9 72/73
- BARAN, Paul.**
- A missão do intelectual (trad. de Duarte Lago Pacheco) 18 33/40
- BARBOSA, Flávio**
- O romance de Tobias Barreto 7 51/53
- BARBOSA, Gildo Espínola**
- Sociedade de Economia mista 7 24/27
- Ação popular 9 55/58

ÍNDICE GERAL DE COLABORADORES DE ÂNGULOS

BARBOSA, Ruy			
- O voto	9	76	
- Não se evita a guerra preparando a guerra	4	15	
BARDI, Lina			
- "Artes menores" notas para criação duma cadeira de desenho industrial.	16	121/124il.	
BARRETO, José Auguste Cabral			
- A herança do coronel	18	57/59	
BERBERT, João			
- A periculosidade no direito existencial de aftalion.	15	69/74	
- Nacionalismo: reação ou revolução?	16	49/52	
BEZERRA, Agnaldo Mendes			
- Em torno da sociedade de Economia mista	8	15/25	
BOAVENTURA, Edivaldo			
- A categoria como elemento de enquadramento.	17	53/60	
- Cidade e habitação	14	63/84	
- Considerações em torno de uma reforma a grãria para o Brasil	15	57/61	
- O enquadramento sindical na consolidação das leis do trabalho.	16	65/73	
BRANCATO, Ricardo Teixeira			
- O direito civil e as novas tendências sociais	8	123/140	
BRANDI, Ivan			
- Pequeno estudo sobre "A prostituta respeitosa" de Jean Paul Sartre (nova ser.)	2	37/42	
BRECHT, Bertolt			
- Cinco dificuldades para escrever a verdade	16	85/96il.	
BRITO, Luiz Augusto Fraga Navarro de			
- Decadência do presidencialismo e o parlamentarismo como uma necessidade histórica	9	31/54	
- Poema	10	136	
- Editorial	11	3/6	
- ! ; ? (poesias)	11	104/105	
BRITO, Washington Bolívar de			
- Ruy e a gravidade do momento (discurso)	1	32/36	

BRITTO, Jomard M. de			
- Arte e abstração	14	107/110	
CABRAL, Pedro Manso			
- Planificação brasileira	7	21/23	
- Planificações e orçamentos cíclicos	8	27/53	
CAILLOIS, Roger			
- Obscuridade, vidência e imagens poéticas	5	23/30	
CAMUS, Albert			
- O exílio de Helena	13	99/103	
CAPINAM, José Carlos			
- Busca de identidade entre o homem e o Rio	18	53/54	
CARNEIRO, Mário de Sã			
- Antologia poética	13	94/97	
CARPEAUX, Otto Maria			
- Entrevista concedida a José Antônio Espinheira e José Augusto Barreto	18	101/102	
CARVALHO, Ênio Mendes			
- Canto na tarde	2	51	
CARVALHO, Carlos Antunes F. S. de			
- Diárias de viagem	6	40/44	
CARVALHO, Paulo Moreno			
- Uma nova proposta - Ângulos (nova ser.)	2	85/88	
CASALI, Roberto			
- Discurso pronunciado p lo orador da turma de bacharéis em Direito do ano de 1957	12	73/89	
CASTRO, Auto de			
- Entrevista (nova ser.)	2	67/74	
- Primeiro discurso sôbre a Ciência (o problema de sua formulação)	16	125/140	
CASTRO, Frederico José de			
- Canto telúrico	10	138/139	
- O marinheiro que viu Janaina ou a história de Hans Pedro dos Santos	11	102	
- Acidente em construção	12	96	
- Itinerário dos afogados	13	92	
- Poema da amada ausente	14	88	
- Revelação do homem sô	15	84	

CATHARINO, José Martins	18	17/18	
- Estabilidade instável			
CHAVES, Raul	12	44/50	
- "Criminalística"			
CLAUDEL, Paul	11	110	
- A virgem ao meio dia (tradução de Remy de Souza)			
COHIN, Edna Saback	8	158/166	
- Parecer apresentado à tese de Mitsi Machado Costa sobre o "Desquite"			
- Vigilância e presença (editorial)	9	3/4	
- A mancha negra de uma democracia editorial	10	3	
CORREIA, Hamilton	13	129/133	
- A descoberta de Ingmar Bergman			
COSTA, Carlos	7	39/43	
- Historicismo e irracionalismo			
- Aspectos do problema do valor na Ciência do Direito.	10	55/65	
- Sobre o científico e Ideológico em matéria social.	16	23/28	
COSTA, Flávio	11	128/134	
- Kátya, aeromoça siberiana			
- À margem das páginas (A rosa dos livros)	6	48/52	
COSTA, Flávio Barbosa & MACHADO NETO, A.L.	4	53/54	
- Sociologia			
COSTA, Margarida Maria da Silva	10	90/103	
- Sociedade, nação e estado: conceito e diferenciação.			
COSTA, Mitsi Machado	8	141/157	
- Desquite - seu valor e influência no seio da família e da sociedade.			
COUTINHO, Carlos Nelson	16	29/39	
- O processo das contradições e a <u>revo</u> lução brasileira			
- Problemática atual da dialética	17	25/47	
- Problemas da literatura soviética	18	73/85	
COUTINHO, Sônia	16	99/104	
- Sábado			

- O nascimento de uma mulher	17	71/75	
- Calor	18	61/63	
CUNHA, Celeste Maria Gaia Brito	10	113/121	
- Da relação de emprego			
CUNHA JUNIOR, Aldo	2	77/79	
- Escravo, sim senhora (nova ser.)			
DIDIER, Roberto	9	75	
- Retratos do meigo futuro			
DIEGO, Gerardo	6	26	
- Antologia de poesia			
DIRETÓRIO ACADEMICO RUY BARBOSA - DARB	n. espec.	11/13	
- O diretório acadêmico e sua participação na vida universitária			
DOMINGUES, Carlos Vasconcelos	18	27/30	
- Teoria do Direito e Sociologia Jurídica			
DOMINGUES, José Borges	10	137	
- Insatisfação			
DUARTE, Marcelo	5	18/28	
- Os contratos de adesão e o abuso de poder econômico			
- A magistratura e a realidade social	7	28/29	
DUBIST, C.	10	139	
- Poema			
- Poema	11	106	
- Aos teus braços	11	107	
ELLIOT, T. S.	5	35/36	
- Antologia de poesia (Inglaterra)			
ELLUARD, Paul	2	41	
- Amorosa			
- Liberdade	4	45	
FARIA, Sylvio Santos	2	24/30	
- Considerações sobre o moderno conceito da taxa			
- Assistência técnica aos municípios	3	26/28	
- O abuso do direito no campo processual	4	35/38	
- O divórcio dos estrangeiros domiciliados no Brasil	6	45/47	

- A revisão do conceito de bitributação	16	75/81
- A intervenção do Estado no domínio econômico e o princípio da imunidade recíproca dos entes públicos.	17	61/66
- As finanças patrimoniais no Brasil	13	37/47
FERNANDES, Alexandre		
- A nova congregação	n. espec.	5
FICHER, Ernst		
- O futuro da arte (trad. de José Romélio Aquino)	18	41/46ii.
FREIRE, Jorge Peltier		
- O humanista Karl Marx	17	49/52
FREIRE, Marialice Mercês da Silva		
- Ciclo e outra poesia	9	74
- Trecho de um poema	11	103
GARCIA LORCA, Federico		
- La aurora - (homenagem ao poeta)	18	105
- Ai	1	37
GASPAR, Fernando G.		
- Caracterização da relação de emprego	12	51/56
GAZINEO, Alex		
- Teatro: aqui e agora	n. espec.	36/40
GOMES, Fábio Lucas		
- O problema do excessivo número dos partidos políticos e sua solução.	8	93/102
GOMES, Orlando		
- Morfologia jurídica	1	19/21
- Usufruto e fideicomisso	9	5/10
- Discurso na sessão de instalação da V semana de estudos jurídicos	10	12/18
GONÇALVES, Aderbal		
- O ideal jurídico	7	6/7
GRAMACHO, Jair		
- Poema	14	87
- Soneto oitavo de Atlanta em Calidônia	16	119
- Poesia	17	95

GREENE, Graham		
- O inocente	5	40/43
GUERRA, Antonio		
- A nona semana de estudos jurídicos	15	75/80
- Os olhos armados de sentinela	16	121/124ii.
GUILLEN, Jorge		
- A neve	2	48
GUIMARÃES, Alvaro		
- Teatro bahiano: - Debate	18	93/97
GUIMARÃES, Ary		
- Dois e um... quatro	10	130/134
GUIMARÃES, Jaime Duarte		
- O fedro e o método dialético	3	24/25
HECHT, Ben		
- Faz-de-conta (conto)	7	58/60
JASPERS, Karl		
- O homem moderno e a máquina	4	2.
JEANSON, Francis		
- A situação do existencialismo	6	3/8
JOYCE, James		
- Antologia do conto moderno: Evelina (Irlanda)	6	29/33
KRUSCHEWSKY, Gabino		
- Momento e perspectiva	13	23/26
LASKI, Harold		
- Minha formação	2	8/16
LAURENT, Simone		
- Poema	10	135
LINCOLN, Abraham		
- Capital e trabalho	2	2
LOPES, Otacílio		
- O tempo no caminho	2	52/53
LYRA, José Lamartine Corrêa de Oliveira		
- Em face do marxismo	10	19/54

MACEDO, Fernando	7	61/63
- Novos rumos do direito social		
MACHADO, Antônio	12	89/92
- Antologia poética		
MACHADO, Érito	11	23/33
- Livramento condicional		
MACHADO NETO, A.L.		
- A ilustração	1	22/31
- A aurora da filosofia grega	2	17/23
- A juventude e a "refascistização" do mundo	3	3/4
- Que é filosofia? Ou filosofia da filosofia	4	16
- Teoria política; Sociologia, Literatura	4	51/55
- Direito do trabalho e socialismo	5	4/12
- A sofística e a violência	6	9/16
- Julio Rey Pastor - Ismael Quiles, J.S.	6	53/54
Dicionário Filosófico	7	30/38
- A idéia do Direito Natural na Grécia	7	30/38
- A ética intelectual num mundo sem liberdade	13	5/16
- Aspectos sociais políticos e culturais do desenvolvimento nacional	14	5/19
- As missões das Faculdades de Filosofia no processo de desenvolvimento	15	5/22
- Aspectos sociais do subdesenvolvimento nordestino.	16	9/21
MACHADO NETO, Zahidê	4	48/50
- "Filosofia"		
MAGALHÃES, Sergio	14	29/47
- Implicações políticas da conjuntura econômica		
MAIA, Vasconcelos	1	38/44il.
- A derrota		
MARCO AURÉLIO	2	75/76
- A Ponte (nova ser.)		
MARINHO, Josaphat	2	6/7
- A reforma do código comercial		
- Limites constitucionais do privilégio de Foro da União	3	9/11
- Pressupostos da reforma constitucional	18	11/14

MARON, Sadala		
- Berceuse	3	42
- Tragédia brasileira	7	56
- Para um conceito de liberdade	10	104/113
- Uma lição em dois exemplos	14	99/101
MARQUES, José Maria Nunes		
- "Lições de abismo"	9	59/66
MASTROLORENZO, Italo		
- O "pisca-pisca"	15	93/98
MATTA, J. Eurico		
- Socialismo e democracia	10	122/127
- Governo mundial e soberania do Estado	11	34/46
- "Auguste Comte e a crise contemporânea da Física.	12	25/43il.
- Os intelectuais soviéticos e a luta ideológica em física.	13	49/78il.
MATTOS, Florisvaldo		
- Composição da ferrovia	11	112/113
- "Duração do aroma"	12	94/95
- Sistema agrário	13	90/91
- Instrumentos verdes	14	86
- Sonetos	15	83
- Sonetos caprinos	16	117/118
MELHOR, Carlos Anísio		
- Poema; Sonetos	16	115/116
MENDES, Murilo		
- O irmão Bruno	1	46/47il.
- Três poemas	7	54/55
MESQUITA, Raymundo		
- Sobre Jorge Guillén	2	49/50
- Fernando Pessoa como espelho ou filosofia do leitor - Poemas de Fernando Pessoa	3	29/34il.
- A rosa dos livros	4	46/47
- A quem se dirige o crítico?	6	17/23
MIRANDA, Adalmir da Cunha		
- A participação política do estudante(Editorial)	2	3/5
- Silvio Romero	2	54il.

- Poesia - um conceito de crítica	3	38/411.
- Ângulos (Editorial)	4	3/4
- Nota sobre a trajetória do Trabalho	4	30/34
- "Literatura"	4	55/59
- De como Angel Gomez ganhou uma carta de chofer	5	1/3
- Esquema de aulas	5	37/39
- A 25. ^a hora	7	44/53
- Do exercício e do ofício poético	13	81/85
MODESTO, João Pedro		
- Problemática do nacionalismo	14	49/56
- A ascensão dos povos periféricos	15	49/55
- A crise do capitalismo e as revoluções nacionais	16	41/48
- Dialética do movimento sindical brasileiro	17	7/24
MONTALVÃO, Jorge		
- Kierkegaard e a inquietação humana	4	39/41
MOREIRA, Hélio Guimarães		
- Das sociedades de economia mista às modernas empresas públicas	11	62/71
MOTTA, Albérico		
- "A poética cinematográfica"	12	107/112
- Caracterização da posse a título precário	13	27/36
MURICY, Marília Maia		
- A Problemática penal dos nossos dias (delito e liberdade)	18	23/26
- Direito subjetivo e interesses coletivos (nova ser.)	2	47/67
NOGUEIRA, Adalício		
- Filinto Bastos	11	139/153
OLIVEIRA, Antonio Carlos		
- José de Alencar	11	125/127
OLIVEIRA, Aristides		
- O aborto na legislação brasileira	11	72/93
OYARZÚN, Carlos		
- Uma introdução aos problemas do desenvolvimento econômico	15	23/32
- Reforma da Universidade	15	33/48

PACHECO, Duarte Lago		
- A formalização egológica da Norma Jurídica	16	53/54
- Sugestão importante	17	67/6811.
PALLOTTINI, Renata		
- Amor	13	87
- Chegada	13	88
PASSOS, J. J. Calmon de		
- A missão das faculdades de Direito	16	59/64
PEDREIRA, Alípio		
- Revistas em Revista (as vacas magras)	6	55/56
PEDREIRA, Luiz de Pinho		
- Em torno do conceito de "serviço efetivo"	3	5/8
PEREIRA, Agesandro da Costa		
- Fundamento do estado de necessidade	8	103/122
PEREIRA, Edson		
- homenagem ao dia do magistrado	11	135/138
PEREIRA, Paulo Sérgio Borges		
- A Universidade (nova ser.)	2	23/26
PERES, Fernando da Rocha		
- Soneto	12	97
- Soneto	13	89
- Soneto do amor específico com c.d.a. e nosso eterno tema	15	82
- Poema para Henrique Oswald	18	51/52
PESSANHA, Camilo		
- Antologia de Poesia (Portugal)	5	31/34
PINHEIRO, Zélia B.		
- Os universitários baianos e a constituição (notas de um inquérito)	12	11/24
PINTO, Jamir F.		
- Acordes do chão	15	85
PINTO, Marília M.M.		
- Imagem do jurista	n. espec.	19/22
PONDÉ, Lafayette		
- Parecer	2	31/35

- Considerações sobre a perfeição e a eficácia do ato administrativo	4	5/8
PORTO, Ary Marques		
- O trabalhador rural e a legislação brasileira	11	94/101
- Presença impresente	11	108
- Imitação de Neruda y Lorca	11	109
QUADROS, Humberto		
- Parecer apresentado à tese de Dario Morais e Silva sobre "Influência do Marxismo na moderna teoria política".	8	167/173
RAMOS, Guerreiro		
- A consciência crítica da realidade nacional.	13	17/21
RANGEL, Ignácio		
- Formação dos preços e ociosidade	14	21/27
REIS, Álvaro		
- História com post-scriptum	4	42/441.
RIBEIRO, João Ubaldo		
- Lugar e circunstância	14	89/94
- A revolução - 1	17	77/82
RILKE, Rainer Maria		
- Antologia de poesia (Áustria) - Dia de outono	6	24/25
ROCHA, Glauber		
- Romance brasileiro - 57	12	128/136
- De cinestética	13	115/127
- Filme experimental: um tempo fora de tempo	14	103/106
- Vadim (bb) Vadim	15	99/103
- Cinema novo - 2	17	123/125
- Cinema novo	n. espec.	41/44
ROLLAND, Romain		
- Ara Pacis	3	2
SABINO, Fernando		
- Operação-lebre	n. espec.	17/18
SALLES, David		
- O meio geográfico em Graciliano Ramos	13	105/112
- Susana, comissária de bordo	14	95/97
- A traiçoeira invenção da noite	16	105/110

SALLES, Nemésio		
- "Albert Camus"	12	98/113
SAMPAIO, Nelson de Souza		
- A deshumanização da política	1	6/18
- Caracterização da teoria geral do estado	5	13/17
- Problemas eleitorais	10	5/11
- Dez anos de constituição	11	7/8
SANCHES, Rita		
- Marina - numa retomada de consciência musical do jovem universitário (nova ser.)	2	89/92il.
SANTIAGO FILHO, Enoch		
- Poema XIX; Maldição	2	36/37
SANTOS, João Maximiniano dos		
- Parecer apresentado à tese de Carlos Correa Gomes sobre o livramento condicional	8	178/181
SANTOS, Maria de Lourdes Oliveira		
- Significado das semanas de estudos jurídicos	7	3/5
- Direito do trabalho, direito de classe?	7	8/14
- Em torno da reforma da empresa	8	54/84
- A desindividualização da propriedade no direito moderno	9	11/30
SANTOS, Waldeloir Rêgo		
- O vocábulo "cor" nas línguas românicas	7	64/72
- A expressão "Peito" na linguagem popular	11	114/124
SENNA, Orlando		
- Cinema novo - 1	17	117/118
SILVA, Antonieta Dias de Moraes		
- O avô Giuliano	2	42/47
SILVA, Hélio Terezino da		
- Parecer apresentado à tese de José Vilhena de Carvalho sobre o "Estado de necessidade"	8	175/177
SILVA, Thomas da		
- Direito Penal (constitutivo ou sancionador?)	15	65/68
SILVEIRA, Walter da		
- "Tempos modernos": o novo sentido da arte de Chaplin	12	113/117

SIMÕES, Jairo			
- O direito eleitoral na realidade brasileira	7	15/20	
- Capitalismo e subdesenvolvimento	18	15/16	
- O estudante de Direito nos anos 50	n. espec.	69/10	
SOBRAL, Eduardo			
- Poemas	1	48	
SOUSA, José Santana			
- Conceito de liberdade, democracia política	10	66/89	
democracia econômica	11	9/22	
- Proteção jurídica da posse			
SOUZA, Ma. Augusta Lima de			
- Nô as mulheres	n. espec.	23/24	
SOUZA, Remy de			
- As duas morais	10	4	
- Nota introdutória ao estudo do Direito Romano na Bahia	10	128/129	
- A virgem ao meio dia (tradução)	11	110	
- O comunismo primitivo	15	63/64	
SPENDER, Stephen			
- Sôbre o "realismo socialista"	12	118/121	
SPINOLA, Noênio			
- O Patriarca	17	83/91	
- No roteiro da mulher sozinha	15	87/92	
TAVARES, Hildázio			
- As ontologias regionais	16	55/58	
TEIXEIRA, Cid			
- Antigamente a escola...	n. espec.	25/28	
TORRES, Zahidê Maria de Vinhaes			
- Registro bibliográfico	3	43/50	
TOSCA, Fátima			
- Gravura	n. espec.	29	
TOURINHO, Arx			
- Retrospecto	(nova ser.)	2	7/22
TRINDADE, Valdemberg			
- Humor	(nova ser.)	2	95/96

VASCONCELOS, Raimundo da Silva			
- Contrato administrativo e juízo arbitral. Inadmissibilidade	18	19/22	
VELLOSO, Caetano			
- Primeira feira de balanço	18	87/92	
VIANA, Luiz			
- O problema do excessivo número dos partidos políticos	8	85/92	
VIANNA, Luiz Werneck			
- Em direção a uma nova e democrática política cultural.	n. espec.	31/35	
WALD, Arnold			
- As sociedades de economia mista	8	5/14	

121. AZEVEDO, Thales de. *Um momento da vida intelectual na Bahia*. 1917-1938, a presença e influência do Pe. Luiz Gonzaga Cabral, S.J., Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 32p.
122. CALASANS, José. *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1986, 110p.
123. EDELWEISS, Frederico. *Lições de Etimologia Tupi*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
124. VEIGA, Claudio. *Um retrato da Bahia em 1904; O Papão*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.
126. MATTOS, Waldemar. *Pirajã, relíquia do heroísmo baiano*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.
127. Protesto Contra a Demolição da Sé (1928); Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres.
128. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1987, 52p.
129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.
130. Relatório/apresentado pelo/ Rev. Frei João Evangelista de Monte Marciano/ao/Arcebispo da Bahia/sobre/ Antônio Conselheiro/e/ seu sequito no Arraial de Canudos - 1895. Edição Facsimilada. Apresentação José Calasans. Salvador, CEB; UFBA, 1987, 20p.
131. MATTA, João Eurico. *Ângulos (A vigência de uma revista universitária)*. Índice Geral de Colaboradores de Ângulos/Ângela Maria Pinho Souza Braga, Maria da Conceição Penalva da Silva, (Bibliotecárias do CEB). Salvador, CEB; UFBA, 1988, 76p.



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social